

A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude

Bridget O’Laughlin e Yasfir Ibraimo

Cadernos IESE N.º 12P

A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude

Bridget O’Laughlin e Yasfir Ibraimo,
assistidos por Sónia Bila, Aldino Jovo e Salvador Ngove

Cadernos IESE nº12P/2013

Bridget O’Laughlin: PhD em Antropologia Social pela Universidade de Yale nos EUA. Trabalhou na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo, de 1979 a 1992, primeiro no Centro de Estudos Africanos (CEA) e depois na Faculdade de Economia. Antes disso, ensinou Antropologia na Universidade de Stanford e, posteriormente, ensinou Estudos de Desenvolvimento no Instituto de Estudos Sociais (ISS), na Holanda. Tem escrito extensivamente sobre a questão agrária na África Austral. brolaughlin@gmail.com

Yasfir Ibraimo: Assistente de investigação do IESE, é licenciado em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane. As suas áreas de pesquisa são: emprego rural, saúde laboral e pobreza. yasfir.ibraimo@iese.ac.mz

Sónia Bila, Aldino Jovo e Salvador Ngove: estudantes finalista do curso de Economia na Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane.

Abril, 2013

**Título: A Expansão da Produção de Açúcar e o Bem-Estar dos
Trabalhadores Agrícolas e Comunidades Rurais em Xinavane e Magude**

Autores: Bridget O’Laughlin e Yasfir Ibraimo, assistidos por Sónia Bila,
Aldino Jovo e Salvador Ngove

Copyright © IESE, 2013

Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE)

Av. Patrice Lumumba 178

Maputo, Moçambique

Telefone: + 258 21 328894 | Fax: +258 21 328895

Email: iese@iese.ac.mz

Website: www.iese.ac.mz

Proibida a reprodução total ou parcial desta publicação para fins comerciais.

Execução Gráfica e Impressão: Compress-Moçambique, Limitada
Impressão e Acabamentos: Digital Print Solutions, Cape Town
Produção Executiva: Marimbique – Conteúdos e Publicações, Lda.
Tiragem: 300 exemplares

ISBN 978-989-8464-19-2

Número de Registo: 7749/RLINLD/2013

Palavras-chave: bem-estar, emprego, saúde rural, Açurareira de Xinavane, trabalhadores agrícolas

Agradecimentos

Estamos muito gratos a todos que falaram connosco ou facilitaram a nossa investigação. Muitas das pessoas com quem falamos estão na lista do Apêndice A, mas faltam-nos outras. Gostaríamos de agradecer em especial: à Administração do distrito da Manhiça e aos postos administrativos 3 de Fevereiro, Xinavane, 25 de Setembro e Ilha Josina Machel e às localidades de Tanninga e Ndzongoene; e à Administração do distrito de Magude e aos postos administrativos de Magude e Motaze e às localidades de Maguiguane, Muleleman, Timanguene e Matchabe, por terem autorizado o IESE a desenvolver a sua pesquisa nestas áreas e pelas informações facultadas; à Direcção Distrital de Saúde da Manhiça e de Magude incluindo os seus respectivos centros de saúde; ao Serviço Distrital da Actividade Económica (SDAE) de Manhiça e Magude; às associações produtoras de cana-de-açúcar, nomeadamente: Ngoine, Hoyo-Hoyo (Buna), Ntuanane, Lhuvucane e Macuvulane 1, pela disponibilidade em conceder entrevistas; ao Centro de Investigação em Saúde da Manhiça (CISM), ao Director do CISM, Dr. Eusébio Macete e ao Demografo do CISM, Dr. Charfudin Saco, à União Nacional dos Camponeses (UNAC), na pessoa do seu Director Executivo, Sr. Luís Muchanga, e à Sra. Rebeca Mabuye, representante da UNAC no distrito da Manhiça; ao Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Açucareira (SINTIA), na pessoa do seu secretário-geral, Sr. Alexandre Munguambe e ao Sr. Alexandre Moiane, secretário do comité central do SINTIA em Xinavane; à representante do Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP), Sra. Ildelina Honwana e à Açucareira de Xinavane, nas pessoas do Director Geral, Sr. Rosário Cumbi, do Director de Projectos, Eng. Sancho Cumbi, do Director Adjunto do Departamento de Higiene e Segurança no Trabalho, Sr. George Cuamba, do Gestor de Administração de Recursos Humanos da AdX, Sr. Zito Machava, do técnico dos Serviços da Agricultura, Sr. Musi Dlamini e do Coordenador do Programa de HIV-SIDA na AdX, Sr. Renato Ribeiro. Os erros e incompreensões são, naturalmente, da responsabilidade dos autores deste estudo.

Lista de Abreviaturas

A1A	Letra usada para classificar os trabalhadores da Açucareira de Xinavane na área da agricultura
ACP	África, Caraíbas e Pacífico
AdX	Açucareira de Xinavane
CISM	Centro de Investigação em Saúde da Manhica
DAA	Direcção Adjunta da Agronomia
EN1	Estrada Nacional número 1
FAOSTAT	Food and Agriculture Organization Statistical Database
HIV/SIDA	Human Immunodeficiency Virus / Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
IESE	Instituto de Estudos Sociais e Económicos
INEFP	Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
MICS	Inquérito de Indicadores Múltiplos
PA	Posto Administrativo
RGP	Recenseamento Geral da População
SDAE	Serviço Distrital da Actividade Económica
SINTIA	Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Açucareira
STD	Sexually Transmitted Diseases/Doenças Sexualmente Transmissíveis
TARV	Tratamento Anti-retroviral
UNAC	União Nacional dos Camponeses
UNWFP	United Nations World Food Programme
WENELA	Witwatersrand Native Labour Association

Sumário

As discussões sobre o impacto da produção de açúcar na pobreza no Sul de Moçambique têm dado grande importância aos aumentos do rendimento monetário, proveniente dos salários dos trabalhadores das empresas rurais e do rendimento auferido pelos produtores contratados. O rendimento é uma questão importante, mas é apenas um dos determinantes do bem-estar. O bem-estar não é apenas uma questão de consumo e posse de bens. Depende também do provimento de cuidados de saúde e da experiência do próprio trabalho, tanto pago como não pago. Também reflecte o meio social em que se vive, a qualidade do ar que se respira, a água que se bebe e o ambiente em que se vive. Neste relatório, focamos em particular o impacto da produção de açúcar na qualidade do trabalho, os seus custos sociais e suas implicações tanto para a saúde pessoal como ambiental nas comunidades rurais. Argumentamos que, do ponto de vista histórico, a rentabilidade da produção de açúcar em Xinavane se baseou em sistemas de produção que não eram saudáveis nem para os trabalhadores nem para o ambiente em que eles viviam. Actualmente, expansão da produção de açúcar requer novas formas de trabalhar, de recrutar trabalhadores e de utilização dos recursos.

Esperamos que este relatório vá ajudar os que se preocupam com a melhoria do bem-estar das pessoas desta região a considerar questões que possam ter deixado de lado, e a questionar algumas das suas suposições sobre o impacto da produção de açúcar no vale do Incomati. Isto aplica-se tanto aos que assumem que a criação de empregos no açúcar é a salvação das pessoas do Vale do Incomati, como àqueles que consideram que a conversão da terra à cana-de-açúcar não tem apoio dos agricultores locais.

A nossa investigação é um estudo de caso sobre o impacto da expansão da produção de açúcar na área de influência da Açucareira de Xinavane (AdX), focando as localidades (postos administrativos) de Xinavane, 25 de Setembro, 3 de Fevereiro, Ilha Josina Machel e Magude. A investigação de campo foi efectuada em Julho de 2012. Debruçamo-nos sobre a organização da produção da AdX e também dos produtores integrados.

Nesta investigação, identificamos quatro áreas em com que nos devemos preocupar sobre o impacto da expansão da produção da cana-de-açúcar no bem-estar desta região.

Primeira, a relação entre a melhoria material do bem-estar e o crescimento do emprego e rendimento.

Aqui concluímos que é irrealista esperar que a AdX continue a aumentar o emprego muito além do seu nível actual de 10,000 trabalhadores. Neste momento, os efeitos multiplicadores são fracos. Notámos também que uma grande parte da actual força de trabalho agrícola é paga ao nível mais baixo dos salários, e que parte dela é recrutada sazonalmente. Para a subsistência, o salário que os trabalhadores agrícolas recebem necessita de ser complementado por outras actividades, quer se trate de trabalho agrícola quer não-agrícola (incluindo emigração).

Segunda, o *trade-off* entre o aumento do rendimento do açúcar e a redução do acesso a terra irrigável como meio de subsistência rural.

Aqui concluímos que a conversão do Vale do Incomati para a produção da monocultura da cana-de-açúcar aumentou a vulnerabilidade das famílias às alterações de preços nos mercados internacionais de produtos, não só para o açúcar mas também para os alimentos básicos. Também reduziu a variedade de actividades alternativas para obtenção de rendimento dos pequenos produtores, cuja subsistência depende actualmente de um leque de actividades incluindo pesca, criação de gado, exploração de produtos nos mangais e produção de alimentos em sistema de regadios.

Terceira, a incidência de problemas de saúde relacionados com a organização do recrutamento e do trabalho nos campos de cana.

Aqui descobrimos que a organização da produção de cana-de-açúcar é igualmente dependente de insumos químicos como de *timing* crítico de tarefas. Os sistemas de recrutamento, alojamento e pagamento dos trabalhadores agrícolas incentivam a pressa em concluir as tarefas e deixam aos próprios trabalhadores a responsabilidade de garantirem o seu bem-estar. Podem comprometer a segurança do trabalhador (e da comunidade). Também complicam o controlo de doenças tais como malária e HIV/SIDA.

Quarta, a relação entre a produção de açúcar e saúde ambiental, em particular a qualidade da terra, ar e água.

Aqui identificámos problemas de controlo da poluição do ar, pela queima da cana e poeiras químicas, de infiltrações de produtos químicos no solo e na água, e, a longo prazo, de disponibilidade de água e de equilíbrio ecológico na bacia do Incomati.

Observámos que ao nível local as diferentes instituições relacionadas com a regulação do impacto da expansão da produção de açúcar – governo local, o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Açucareira (SINTIA), organizações da sociedade civil e a própria AdX, focam-se principalmente na questão dos empregos e salários. Esta é uma questão central, mas esperamos que este relatório as leve a considerar as questões mais amplas do bem-estar levantadas neste relatório.

A AdX orgulha-se justamente do seu papel na recuperação económica do Vale do Incomati, contudo e na base deste estudo de caso, existem razões fortes para questionar se a expansão e consolidação da monocultura da cana sacarina no Vale do Incomati pode continuar a trazer melhorias rápidas ao bem-estar dos trabalhadores e famílias nestas comunidades.

1. Introdução

O incentivo do governo à recuperação e expansão da produção de açúcar nos anos difíceis do final da década de 1990, destinava-se a contribuir para a recuperação económica no norte do distrito de Manhiça e na parte oriental de Magude (ver mapa 1).

Mapa 1: Província de Maputo



Fonte: Bowen 2000: 68

Estas áreas ainda estavam afectadas pela destruição e deslocação da população e pela crescente precariedade de emprego dos trabalhadores migrantes na África do Sul. O relatório procura considerar o impacto do rejuvenescimento e expansão da produção de açúcar nestas áreas, a partir de uma perspectiva ampla do bem-estar material, incluindo emprego e rendimento mas também saúde, tanto pessoal como ambiental. O nosso foco especial vai para o bem-estar dos trabalhadores agrícolas e das comunidades das áreas de actuação da Açucareira de Xinavane (AdX). O bem-estar não é apenas uma questão de consumo e posse de bens, depende também do provimento de cuidados de saúde e da experiência do próprio trabalho, tanto pago como não pago. Também reflecte o meio social em que se vive, a qualidade do ar que se respira, a água que se bebe e o ambiente em que se vive.

Há muitos factores que afectam o bem-estar das populações nesta região para além da expansão da produção de açúcar – alteração das formas de trabalho migrante, mudanças climáticas nos ciclos da chuva, a propagação rápida do HIV/SIDA e as novas iniciativas de saúde, para citar apenas alguns. O impacto da expansão da produção de açúcar é difícil de isolar e começa só agora a sentir-se. O que será vai depender em parte de como a produção está organizada. O objectivo da nossa investigação foi identificar as ligações, directas e indirectas, favoráveis e desfavoráveis, entre a produção de açúcar e o bem-estar material dos trabalhadores agrícolas e comunidades vizinhas.

Ao mapear as conexões que ligam bem-estar e aumento da produção de açúcar nesta região, impressionou-nos até que ponto o modelo de expansão da produção de açúcar implementado pela AdX reproduz algumas formas do passado: produção directa baseada na deslocação de agricultores de pequena dimensão das terras irrigáveis e de pastagem e dependência de recrutamento de trabalho assalariado. Apesar das associações de pequenos produtores integrados não fornecerem uma grande parcela da cana-de-açúcar processada pela AdX, o alto rendimento obtido por algumas associações levou a grande entusiasmo relativamente à conversão de mais terra para a cana sacarina tanto por parte de agricultores individuais como por funcionários do governo. A conversão de terras utilizadas para a produção de alimentos e criação de gado para a cana-de-açúcar não está a ser imposta a uma população relutante. As implicações deste processo carecem de reflexão mais vasta, pelo governo, sociedade civil e pelas próprias comunidades. Esperamos que este relatório contribua para essa reflexão.

A restante parte deste capítulo introdutório explica a estrutura que estamos a utilizar para observar a relação entre produção de açúcar e bem-estar e discute a nossa abordagem metodológica.

A expansão da produção da cana-de-açúcar e o bem-estar

A recuperação e expansão da produção de açúcar nesta região pretendia a melhoria do bem-estar rural, ao fornecer emprego e rendimento aos agregados familiares numa região

economicamente deprimida. Estamos em parte preocupados em investigar a mudança e diferenciação de padrões de distribuição de rendimento em diferentes tipos de agregados familiares.

As plantações de cana-de-açúcar têm sido muitas vezes criticadas pelo seu impacto negativo a longo prazo no bem-estar (especialmente na saúde) dos seus trabalhadores e para as comunidades espalhadas ao redor delas. As razões prendem-se em parte com a natureza da produção de açúcar em grande escala: utilização intensiva de água, geralmente a necessitar de investimento na irrigação e a correlação entre conteúdo de açúcar na cana, colheita atempada e processamento rápido. De facto, porém, o impacto da produção de cana-de-açúcar depende das formas variadas em que a produção está organizada. Historicamente, as plantações em África estabeleciam-se frequentemente em contextos coloniais onde as condições de recrutamento, alojamento e trabalho eram particularmente más (Gibbon 2011), mas não têm que ser assim.

Tome-se por exemplo o impacto da irrigação na incidência de malária e de bilharziose. O cultivo da cana-de-açúcar exige um fornecimento regular de água. Onde não é possível a produção de sequeiro, será uma cultura de regadio, dependente de um sistema de represas e canais. Estas podem ser áreas de viveiro de mosquitos transmissores de malária ou dos moluscos hospedeiros que são vectores para a bilharziose. Mas em áreas onde estas doenças já são endémicas, a forma como se cultiva o açúcar e como os trabalhadores são tratados, pode na realidade levar a uma redução destas doenças e não a um aumento. Se a drenagem for boa e não se permitir a acumulação de água estagnada, se o tratamento químico for utilizado para limitar a disseminação dos vectores, se aqueles que estão infectados forem tratados e os trabalhadores protegidos de nova infecção, através do fornecimento de equipamentos protectores e alojamento melhorado, então uma plantação de cana-de-açúcar pode melhorar as condições de saúde.

Ou considere-se a relação entre recrutamento de mão-de-obra e a incidência de HIV/SIDA. Se os trabalhadores forem recrutados sazonalmente apenas para o corte da cana em áreas fora da plantação, alojados em acampamentos e regressarem a casa no final da campanha, então será provável que tanto homens como mulheres tenham mais do que um parceiro sexual. Se o recrutamento for organizado por forma a que os trabalhadores tenham emprego ao longo da maior parte do ano e tenham acesso a alojamento e terra locais, e se prioridade for dada a recrutamento local, então será possível que os trabalhadores vivam com as suas famílias, que os parceiros sexuais sejam permanentes e que os programas de tratamento do HIV/SIDA se possam organizar com facilidade. Se as companhias tiverem liberdade para reduzir os seus custos de trabalho tanto quanto possível, poderão não estar interessadas em fornecer alojamento familiar e terra, mas se as políticas governamentais as obrigarem a fazê-lo, ou lhes derem incentivos para tal, poderão considerar estes custos como contribuindo para uma maior produtividade a longo prazo.

Ao considerarmos como as diferentes formas sociais de organização da produção de açúcar podem afectar o bem-estar, estamos a focar-nos especialmente em trabalhadores agrícolas,

suas famílias e as comunidades vizinhas. Consideramos factores que ligam a expansão da produção de açúcar directamente ao bem-estar dos trabalhadores e outros que têm consequências mais generalizadas e a longo prazo nas comunidades vizinhas. Ao olharmos para os impactos directos nos trabalhadores, focamo-nos no impacto do processo de trabalho e condições de vida, no estado de saúde dos trabalhadores; o impacto dos salários em padrões de consumo dos trabalhadores; e mudanças na organização das actividades do agregado familiar. Nos impactos indirectos mais generalizados, consideramos o impacto do aumento de salários no investimento local, diversificação e desenvolvimento do mercado; o impacto da produção de açúcar em padrões de doença e acesso aos serviços de saúde formais; e, finalmente, o impacto na distribuição e qualidade da água, terra e ar.

Metodologia

As nossas conclusões baseiam-se num curto estudo de campo qualitativo realizado em Julho de 2012, no qual entrevistamos diferentes tipos de pessoas afectadas pela produção de açúcar na região de Xinavane: trabalhadores agrícolas, suas famílias, trabalhadores de saúde, gestores, funcionários públicos e representantes dos sindicatos, das organizações e de grupos religiosos (ver Apêndice A). Focámos a nossa investigação na bacia hidrográfica do Vale do Incomati ao redor dos blocos de produção de cana da AdX, nos Postos Administrativos de Xinavane, 25 de Setembro, 3 de Fevereiro, Ilha Josina Machel e Magude. Não tínhamos recursos para prolongar o nosso estudo para a localidade de Sabie, para seguir a expansão da AdX em Moamba. As áreas que estudámos são as que partilham o Vale do Incomati com a AdX e onde reside a maioria dos seus trabalhadores agrícolas (mas não as famílias da maioria dos cortadores de cana).

Para enquadrar e completar este trabalho qualitativo, utilizamos dados existentes do censo e outros estudos quantitativos, literatura secundária – estudos epidemiológicos publicados (em particular do CISM), estudos de caso etnográficos – e dados estatísticos da AdX sobre os seus padrões de recrutamento. Também obtivemos informação de literatura mais ampla sobre as relações passadas e actuais entre o bem-estar, em especial a saúde, e a organização da produção de açúcar em Moçambique e noutros locais na região. O estudo foi realizado por uma equipa de cinco investigadores: um investigador do IESE, Yasfir Ibraimo, uma investigadora associada, Bridget O’Laughlin e três estudantes finalistas do curso de Economia da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane, nomeadamente: Sónia Bila, Aldino Jovo e Salvador Ngove.

Escolhemos trabalhar na área associada à AdX por três razões: (i) porque é a maior das duas produtoras de açúcar a trabalhar no distrito de Manhiça; (ii) porque está neste momento a cultivar em áreas que estavam anteriormente plantadas de cana-de-açúcar e também a expandir-se para áreas onde a cana-de-açúcar deslocou plantações de citrinos e produção de alimentos e (iii) porque com base em experiência anterior de uma das nossas equipas de investigação, esperávamos que houvesse acesso relativamente fácil a informação sobre

padrões de condições de emprego, trabalho e alojamento. O que veio a verificar-se não ser verdade. Obtivemos acesso limitado a algumas áreas da plantação e a registos de emprego apenas na última semana da nossa estadia em Xinavane. A presença da companhia é tão penetrante no distrito, de qualquer maneira, que encontrámos forma de falar com grande variedade de trabalhadores da AdX, nas suas casas e em espaços públicos e pudemos observar aspectos das operações no campo a partir de estradas públicas, incluindo formas de trabalhar. Tendo escolhido a AdX, apercebemo-nos então que a sua expansão a levava ao distrito de Magude, geograficamente uma área menor dentro do Posto Administrativo de Magude, mas onde vive cerca de 78% da população do distrito. Consequentemente, o nosso estudo teve que atravessar os limites do distrito. Não tínhamos investigadores suficientes nem tempo para seguir as operações da AdX no distrito de Moamba.

Inicialmente, esperávamos que as condições de trabalho e de vida pudessem ser diferentes para os trabalhadores contratados pelos produtores integrados relativamente aos trabalhadores da AdX. Na realidade, as diferenças que encontrámos não foram tão grandes. As modalidades de locação sob as quais as associações funcionavam significava que as suas práticas de cultivo eram essencialmente as mesmas que as dos campos de cana da grande propriedade. As associações dos pequenos proprietários recrutavam os seus próprios trabalhadores mas eles tinham que ser contratados pela AdX em todas as associações que visitamos, com excepção da associação Macuvulane 1. Só existe um grande produtor privado em Xinavane, a empresa Vamagogo, que administra a sua própria produção e contrata os seus próprios trabalhadores. Nesta empresa a direcção deixou-nos falar com os trabalhadores nas suas acomodações.

A nossa curta proposta de investigação com uma credencial do IESE foi submetida aos Administradores dos Distritos de Manhiça e Magude, cuja autorização nos permitia falar com os serviços governamentais relevantes e com os chefes dos postos administrativos e localidades. Eles, por sua vez, facilitaram a nossa presença nas comunidades rurais. Os funcionários das associações de pequenos produtores foram particularmente generosos com o seu tempo e facilitaram as nossas entrevistas com os trabalhadores da AdX recrutados pelas associações. No Apêndice A há uma lista com maior parte das pessoas com quem falamos formalmente, mas também houve muitas conversas informais e explicações que nos ajudaram a conhecer melhor a produção de açúcar.

Não tínhamos uma estrutura de amostragem e nem um procedimento aleatório para escolher as famílias. Tentámos assegurar que falávamos com trabalhadores agrícolas de diferentes tipos e membros dos seus agregados e que incluíamos algumas famílias onde não havia ninguém a trabalhar para a AdX, Vamagogo ou as associações. No distrito da Manhiça, entrevistámos membros de agregados familiares dos postos da Ilha Josina Machel, Xinavane, 25 de Setembro e 3 de Fevereiro. Na Ilha Josina Machel, focámo-nos em Nzonguene, uma localidade fora das áreas de recrutamento imediato da AdX e Vamagogo, mas onde existe interesse da população em fazer parte de uma associação de produtores de açúcar. Em Magude, entrevistámos principalmente membros de agregados familiar no

posto administrativo de Magude, que se situa no Vale do Incomati, onde a maior parte da população do distrito está agrupada, mas fizemos também uma curta visita a Motaze, uma área fora da zona imediata de influência da AdX. Dentro da área de influência da AdX, foi difícil encontrar agregados familiares sem trabalhadores na plantação; a maior parte incluía pessoas que haviam feito este trabalho no passado ou estavam a tentar ser recrutadas.

Uma vez que a maior parte dos trabalhadores agrícolas recebe uma jorna, tínhamos decidido não interromper o trabalho para entrevistar os trabalhadores nos campos. A excepção foram as associações onde falámos com alguns trabalhadores permanentes e membros da direcção da associação que eram na maior parte dos casos também empregados da AdX. Utilizámos um formulário de entrevista semi-estruturada para garantir que tínhamos alguma informação básica sobre o trabalhador e agregado familiar e os entrevistadores foram incentivados a aprofundar áreas de interesse, que emergissem durante as entrevistas. O Apêndice A mostra o número desproporcionado de homens entre os nossos entrevistados semi-estruturados; isto reflecte os locais onde entrevistámos pessoas para além dos agregados – privados, uma taberna (*shabeen*), uma paragem de autocarro ou a estação de bombagem da associação. Para além das entrevistas semi-estruturadas sobre a subsistência dos agregados, tivemos discussões de grupos focais com membros da direcção da associação de agricultores sobre as suas histórias, objectivos e dificuldades.

Resumo dos capítulos

O presente relatório encontra-se dividido em seis capítulos (incluindo a introdução). No Capítulo 2, descrevemos a história da produção de açúcar nesta área e o seu envolvimento de longo prazo com a migração de mão-de-obra para a África do Sul. Estas são áreas que recuperaram lentamente do impacto devastador da guerra, e foram profundamente afectadas pelo desemprego e pela tendência crescente de recrutamento de trabalho temporário na África do Sul. Começamos com o contexto histórico, porque qualquer questão de impacto deve considerar o contexto histórico em que a expansão da produção de açúcar ocorreu. O Capítulo 3 descreve a organização da produção de açúcar, tanto na grande propriedade da AdX e entre os produtores integrados que também entregam a cana na moagem da AdX: as novas associações de pequenos proprietários e um número pequeno e heterogéneo de agricultores privados. O principal foco do capítulo são os trabalhadores agrícolas: padrões de recrutamento e condições de alojamento e trabalho. O Capítulo 4 identifica algumas das principais ligações entre expansão da produção de açúcar e bem-estar de trabalhadores e comunidades: padrões de emprego e rendimento, implicações do processo de trabalho na saúde, utilização e qualidade da terra, água e ar. Considera também algumas ligações indirectas: o efeito multiplicador do comércio e do investimento, alterações nos preços, acesso aos serviços de saúde, a reorganização do trabalho familiar e recursos. O Capítulo 5 discute como várias instituições locais – governo,

o SINTIA, outras organizações da sociedade civil e a própria AdX encaram a relação entre a expansão da produção de açúcar e as questões do bem-estar levantadas no Capítulo 4. Nota que empregos, salários e rendimento dos produtores são as áreas mais frequentes de preocupação, negligenciados muitos dos importantes custos sociais da produção que esta investigação identificou. O Capítulo 6 resume as conclusões do relatório.

2. Uma História da Mudança dos Meios de Subsistência

Qualquer estudo do impacto da recuperação e expansão da produção de açúcar tem que ter em consideração o contexto em que decorrem. Historicamente, há três aspectos de particular importância aqui: (i) migração de longo prazo de mão-de-obra desta área para as minas da África do Sul, (ii) apropriação de uma grande parte das terras aluviais da Bacia do Incomati para a agricultura comercial e a pecuária, e (iii) o impacto prolongado da guerra.

Interdependência da mão-de-obra migrante, agricultura e gado

Tanto o distrito de Magude como o de Manhiça eram importantes áreas de recrutamento da WENELA, a agência de recrutamento das minas da África do Sul durante várias gerações. O sistema familiar de migração oscilante tanto elevava a pressão no trabalho agrícola das mulheres como fornecia um fundo para investimento em alojamento e gado e por vezes investimento agrícola ou depósitos de água. Agricultura de sequeiro nestas áreas é de grande risco, com as manadas de gado e o salário a proporcionar uma margem de segurança. Em 1981, as manadas diferenciavam-se por tamanho mas 50% dos agregados de Magude e 25% dos agregados em Manhiça possuíam gado, e em ambos os distritos famílias sem uma parrelha de bois e arado arrendavam parrelhas ou faziam intercâmbio de mão-de-obra para terem os seus campos lavrados. Como noutras áreas da África do Sul, as remessas eram frequentemente controladas por parentes do mineiro da linha patriarcal mais do que pelas esposas. Estas, muitas vezes, entusiasmavam-se menos do que os seus parentes com o investimento em gado.

O sistema de pagamentos diferidos obrigava os mineiros a remeter cerca de metade de seus salários para Moçambique. As pressões da sindicalização levaram ao aumento repentino na década de 1970 dos salários com base na subsistência, provisionando os mineiros, sobretudo os enquadrados em grupos especializados, com dinheiro para investir na sua produção agrícola quando tinham acesso a terras aluviais. A súbita redução das quotas de recrutamento, após a independência de Moçambique, reforçou a diferenciação dos agregados rurais entre aqueles que tinham rendimentos regulares provenientes de mão-de-obra assalariada bem paga, e aqueles que, muitos deles agregados familiares chefiados por mulheres, que não recebiam qualquer remessa considerável.

Durante os anos 1980, aumentou a emigração sem documentos com o avanço da guerra em Moçambique e, em especial no caso de Magude, a fuga de famílias inteiras através das fronteiras. O recrutamento de moçambicanos com contratos regulares diminuiu nas minas e, em consequência, o fluxo regular de remessas em dinheiro e géneros. Desde 1994, é mais fácil para os moçambicanos emigrarem legalmente com passaportes, mas muitos continuam a emigrar sem documentos. Não só declinou a importância relativa do trabalho mineiro desde 1994 para os moçambicanos, mas também a contratação temporária para empregos no sector formal na África do Sul teve como resultado que muitos trabalham de

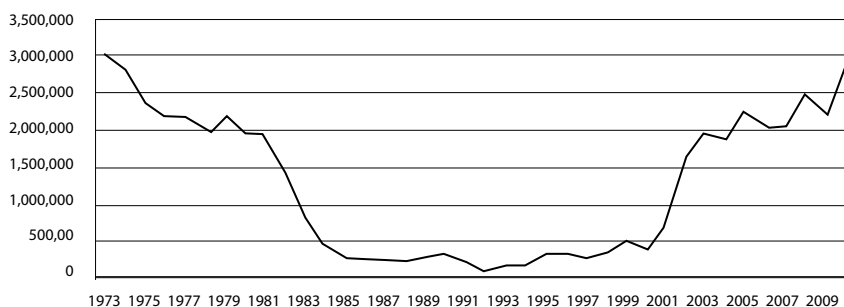
forma irregular para contratadores de mão-de-obra sem residência nem emprego seguros. Apesar das estradas ainda ficarem congestionadas no final do ano com camiões que trazem para casa migrantes e bens, a maioria dos agregados em Magude e Manhiça não podem contar com remessas regulares. A interdependência entre a agricultura camponesa e o rendimento oriundo de trabalho assalariado tornou-se assim muito menos confiável.

Apropriação da terra para a agricultura comercial e a pecuária de grande escala

O segundo factor a moldar a política económica da região de Xinavane foi a apropriação de grande parte das terras aluviais ao longo do Rio Incomati pela agricultura comercial de grande escala, plantações de cana-de-açúcar no caso de Manhiça e grandes machambas de colonos e propriedades no caso de Magude. Os colonos produziam uma variedade de culturas, incluindo citrinos, e criavam gado. Algumas áreas do Rio Incomati foram deixadas como reservas para os camponeses locais, em parte devido a esquemas de pequenos produtores e cooperativas organizados pela Missão Suíça (Gengenbach 2000). Após a independência a maior parte dos colonos portugueses foi-se embora. Após a independência ambos estavam sob administração estatal. As grandes machambas em Magude foram fundidas numa machamba de citrinos. Algumas das machambas menores tornaram-se cooperativas e outras foram distribuídas a camponeses locais, aliviando a competição pela *nhaca* terra (*Ibid*). Após a independência as plantações de cana-de-açúcar de Manhiça ficaram sob administração estatal.

A produção comercial de açúcar com base no recrutamento de trabalhadores agrícolas sazonais, tanto de dentro do distrito como de outras áreas de Moçambique, tem uma longa história na Manhiça. A Incomati Estate, a precursora da AdX, foi fundada com capital britânico em 1924 e adquirida por uma empresa portuguesa nos anos 1950. Maragra, também propriedade portuguesa, foi fundada em 1969. As propriedades enfrentavam competição directa pela mão-de-obra com as minas da África do Sul. Isto resolvia-se com a assistência do estado colonial, pelo recurso ao trabalho forçado e mais tarde através da mão-de-obra temporária, muita da qual recrutada em Inhambane e Gaza. As mulheres locais eram contratadas para a monda, e por volta dos anos 1970 algumas estavam a trabalhar como cortadoras de cana (Bowen 2000).

As plantações de cana-de-açúcar e as machambas dos colonos não se apoderaram da totalidade do vale do Incomati. Áreas com solos aluviais mas de difícil acesso, tais como a Ilha Josina, continuaram centros de pequenos produtores comerciais de fruta e vegetais. Culturas de rendimento experimentais, tais como trigo, foram apresentadas aos pequenos produtores nos anos 1950. Após a independência, os níveis de produção de açúcar caíram, e de forma radical nos anos 1980 durante a guerra. O Gráfico 1 mostra a produção total de cana-de-açúcar em Moçambique, isto é, incluindo o centro de Moçambique, mas a depressão de 20 anos marca o distrito da Manhiça.

Gráfico 1: Produção de açúcar (ton.) em Moçambique, 1973-2010

Fonte: FAOSTAT

O impacto da guerra

A guerra e suas consequências são o terceiro aspecto importante do contexto a ter em consideração ao avaliar o impacto do despertar do açúcar. A enorme queda na produção de açúcar durante os anos 1980 e 90 reflecte outros processos de declínio económico nestes dois distritos. A estratégia de ataque da Renamo ao governo incluía parar o movimento de pessoas e bens na EN1. O troço entre Bobole e o desvio para Xinavane era conhecido como o corredor da morte, e a estrada de Magude desde Xinavane à fronteira da África do Sul tornou-se também intransitável para transporte de carga normal e de pessoas. Tropas governamentais e milícias protegiam as plantações e as cidades principais, mas a nível das localidades as lojas, escolas, clínicas e edifícios administrativos foram queimados. Manadas foram dizimadas. A Renamo movimentou milhares de cabeças de gado de Magude para a sua base perto da fronteira com a África do Sul e o exército da Frelimo também requisitou gado para alimentar as suas tropas. Ambos os lados também utilizaram manadas de gado como detectores descartáveis de minas. A emigração para a África do Sul diferenciou-se. Os mineiros moçambicanos, bem pagos, começaram a investir o seu dinheiro em boa habitação urbana em vez de investir nas suas machambas e manadas. Outros migrantes nunca conseguiram encontrar empregos bem pagos e raras vezes conseguiam enviar remessas, quer para investimento quer para ajudar as suas famílias no consumo diário.

Muitas pessoas fugiram para os centros protegidos – as vilas de Magude, Xinavane e Manhiça, por vezes aventurando-se a regressar durante o dia para cultivar os seus campos (Bowen 2000). Em áreas mais distantes, homens jovens sozinhos e famílias inteiras atravessavam a fronteira para se estabelecerem na África do Sul ou mudavam-se para Maputo. Por vezes, os refugiados apoderaram-se de campos que outros haviam

abandonado, e as áreas circundantes das machambas estatais e as propriedades de açúcar também tinham campos dispersos de camponeses. A Renamo, eventualmente ocupou os dois postos administrativos ocidentais de Magude, não desistindo da sua administração separada até 1995 (Gegenbach 2000).

O processo de restabelecimento nestes distritos foi prolongado e complicado. Magude era conhecido pela relutância de alguns dos seus habitantes em deixar os campos de refugiados na África do Sul para regressar a casa. Reivindicações sobrepostas de terra fomentaram disputas feias, entre regressados e aqueles que haviam permanecido, sobre o controlo da terra ao longo do Incomati. A cláusula da lei de terra moçambicana de 1997, que reconhecia a reivindicação da utilização de dez anos de ocupação contínua, facilitou a resolução de tais conflitos e deu direitos àqueles que ocuparam terra, que anteriormente fora de machambas estatais. A destruição de manadas, a precarização do trabalho e o domínio da produção sul-africana no mercado hortícola da cidade do Maputo tornou difícil, contudo, estimular a produção local de mercadorias e reverter o declínio económico destes distritos.

O investimento renovado no açúcar

Em 1998 a Tongaat Hulett Sugar adquiriu uma participação de 49% em Xinavane¹ e assumiu a administração da empresa, denominada Açucareira de Xinavane (AdX). A Tongaat Hulett é uma empresa sul-africana que produz uma gama de produtos derivados da cana-de-açúcar. Esta empresa encontra-se a operar em seis países da África Austral, nomeadamente: África do Sul, Botswana, Namíbia, Suazilândia, Zimbabwe e Moçambique (veja mapa 2). Em Moçambique a Tongaat Hulett está actualmente a explorar as açucareiras de Xinavane e Mafambisse². Com base em investimento na modernização da fábrica e reabilitação da propriedade, a participação da Tongaat Hulett na empresa passou para 88% em 2008³, ou seja o governo de Moçambique tornou-se um accionista minoritário.

Os investimentos realizados pela Tongaat Hulett no complexo industrial da AdX aumentaram a capacidade de moenda de cana-de-açúcar. Como consequência deste investimento, para poder abastecer a fábrica com matéria-prima suficiente, a AdX teve que expandir a produção de cana-de-açúcar, a partir de uma combinação da produção das suas próprias terras, das associações de pequenos produtores e de produtores privados independentes. Estes investimentos visavam, essencialmente, aproveitar a abertura do mercado da União Europeia à colocação a preços preferenciais do açúcar produzido nos países-membros do grupo África, Caraíbas e Pacífico (ACP).

1 Também em 1998 Ilovu assumiu 50% da posse da vizinha Maragra Sugar Estate iniciando também a reabilitação da infra-estrutura de irrigação e a expansão da fábrica.

2 A Açucareira de Mafambisse esta localizada na Provincia de Sofala. A Tongaat Hulett detem 85% das acções, sendo que as restantes 15% são do estado moçambicano (Tongaatt Hulett 2012: 102).

3 <http://www.hulett.co.za/ops/mozambique.asp>

Mapa 2: Presença da Tongaat Hulett na África Austral



Fonte: Relatório Anual da Tonqaat Hulett 2012: 8

Em Xinavane, de 2009-10 a Tongaat Hulett reabilitou a infra-estrutura e expandiu a capacidade de produção da fábrica em cerca de 208,000 toneladas de açúcar. Durante a fase de reabilitação, a maior parte dos canais originais, drenagens e bombas desenhados para a rega, foram reparados e redesenhados para os sistemas actuais de rega por irrigação, rega pendular e rega por rotação. Com apoio do governo, a AdX pagou compensações para assumir o controlo de terra irrigável da plantação, ocupada pelos pequenos proprietários durante e depois da guerra. Muitos dos que receberam compensações consideram ter sido muito dinheiro naquela altura, embora agora alguns o vejam de forma diferente. Nalgumas áreas, particularmente nas planícies aluviais ao longo do rio, existiam projectos apoiados pelo governo para estabelecer associações de pequenos proprietários que arrendariam as suas terras sob contrato à propriedade. Cada uma destas associações tem uma história ligeiramente diferente e um resultado divergente⁴. Devido ao sucesso de algumas associações na distribuição de rendimento substancial aos seus membros (o sistema descreve-se com mais pormenor no Capítulo 2), até associações em áreas que inicialmente recusaram propostas da AdX para arrendar terras à companhia, tais como a Ilha

4 Para discussão detalhada das associações ver Jelsma *et al* 2010.

Josina, estão presentemente a discutir a possibilidade de converter as suas terras à cana sacarina.

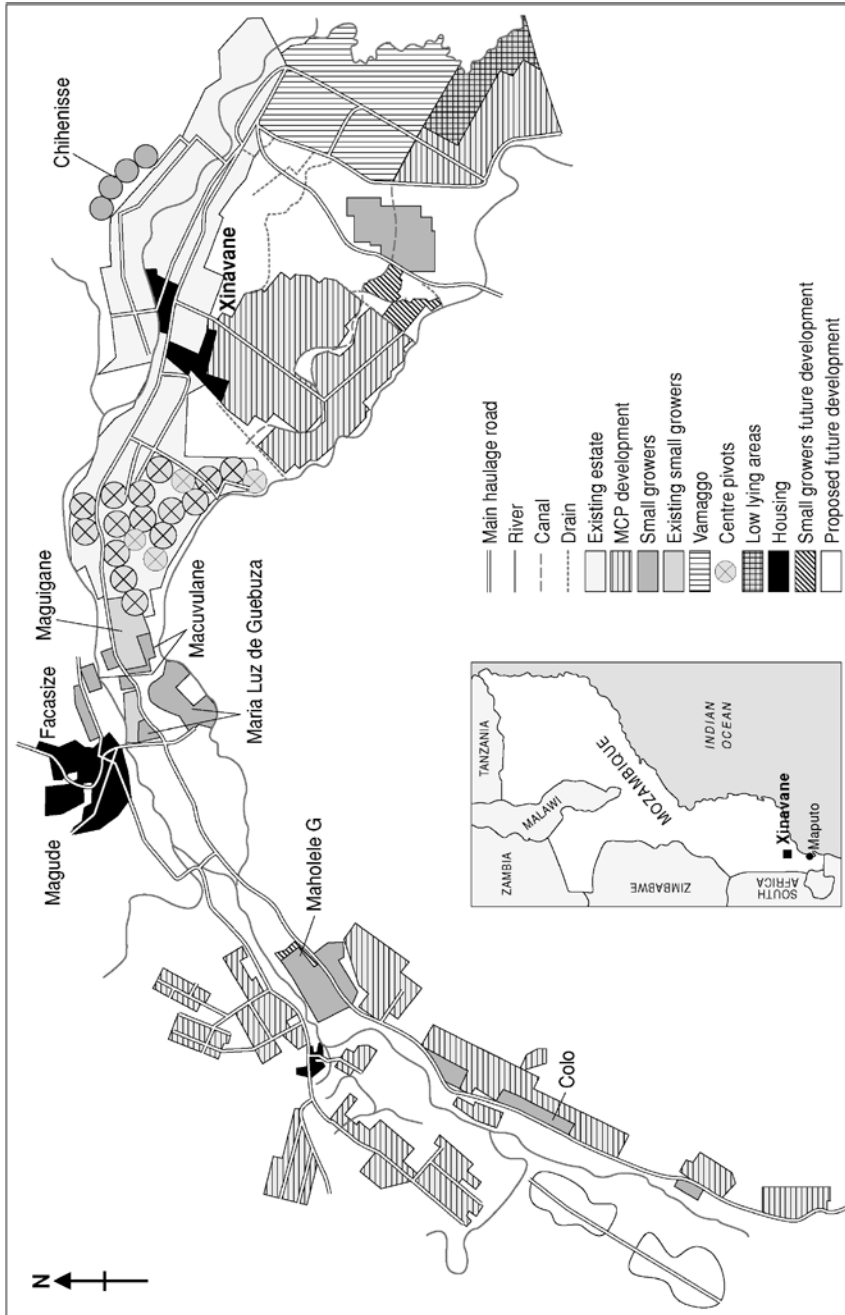
A AdX é menos dependente dos produtores contratados (têm cerca de 4000 hectares em cana de açúcar) do que a companhia vizinha Maragra, que tinha muito pouco espaço para a expansão. A AdX tem a possibilidade de depender principalmente da produção directa de cana da sua plantação (cerca de 12,000 ha) e para satisfazer a capacidade aumentada da sua fábrica, porque foi autorizada a assumir o controlo de terras das machambas estatais, anteriormente cultivadas com citrinos ao longo do Incomati nos distritos de Magude e Moamba. Esta expansão estava quase completa em 2009, se bem que a AdX ainda esteja a negociar com alguns pequenos produtores para assumir o controlo de áreas de intervenção. O seguinte mapa da AdX (ver Mapa 3), extraído de Jelsma et al (2010) mostra as áreas produtoras de cana para AdX em 2009. Uma vez que atravessa limites distritais, a relação entre a companhia e o governo envolve coordenação entre distritos bem como entre governo central e local. Envolve também coordenação entre as direcções da AdX e de outras unidades da Tongaat-Hulett.

O contexto regional do aumento da produção de açúcar: o clima e a questão da água

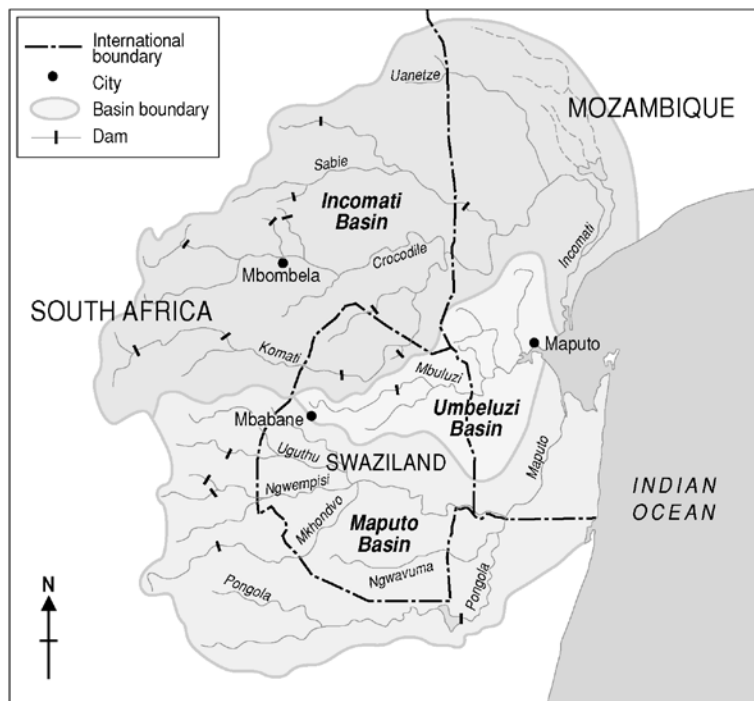
As mudanças climáticas globais estão a afectar esta região, mas os ciclos recorrentes de seca e inundação também são influenciados pela ecologia da própria bacia do rio. Esta enorme expansão da área de produção da cana sacarina tem implicações ecológicas que têm um âmbito regional. A bacia do rio Incomati atravessa Moçambique, a África do Sul e a Suazilândia, como se ilustra no mapa 4 que se segue, extraído de Carmo Vaz e van der Zaag (2003).

Carmo Vaz e Van der Zaag (2003) notaram que na altura do seu estudo, isto é antes da expansão para Magude e Moamba, cerca de 67% de toda a água utilizada para a rega na bacia destinava-se à produção da cana sacarina. Todos os três países têm enormes plantações de cana no Incomati. Um estudo mais recente (Lorentzen 2009) sobre a produção de açúcar do lado sul-africano da bacia, refere a existência de utilização doméstica, municipal e industrial da água. Água para o gado, pecuária e agricultura de sequeiro são também utilizadores implícitos, contudo as autoridades provinciais não parecem prever um conflito entre uma vantagem de desenvolvimento a curto prazo e a integridade ecológica da região. Lorentzen defende que o que é visto como uma contribuição positiva para o rendimento e emprego regionais poderá, eventualmente, tornar-se uma carga (Lorentzen 2009: 63). Esta é uma questão de relevância também para Moçambique.

Mapa 3: Implementação da AdX no Vale do Incomati 2009



Fonte: Jelsma et al 2010: 7 (disponibilizada pela AdX)

Mapa 4: Região da Bacia do Incomati

Fonte: Carmo Vaz e van der Zaag 2003: 3

Reflexões demográficas do bem-estar

A história dos meios de subsistência reflecte-se nos padrões demográficos encontrados nesta área: emigração de homens por muito tempo para a África do Sul, deslocamentos provocados pela devastação da guerra, ciclos de seca e de cheias e influxos de migrantes, principalmente homens, para trabalhar nas propriedades de açúcar.

A tabela 1 mostra que a população nas áreas centrais – cidades, localidades envolvidas nas associações de produtores integrados e grandes centros de recrutamento de trabalhadores da AdX – cresceram desde 1997, enquanto que nas áreas dominadas pela agricultura dos pequenos produtores e pela emigração, a população diminuiu.

Tabela 1: Mudanças no tamanho da população por posto administrativo

Posto Administrativo	População total em 1997	População total em 2007	Percentagem de mudança
Xinavane ⁵	21 098	24 002	13.76
3 de Fevereiro	34 415	40 208	16.83
Ilha Josina Machel	9 720	9 346	-3.85
Magude	42 788	53 229	24.40

Fonte: RGP 1997 e 2007

A tabela 2 mostra que a proporção de agregados familiares chefiados por mulheres permanece extremamente elevada, apesar de ter diminuído ligeiramente nas cidades.

Tabela 2: Percentagem de agregados familiares chefiados por mulheres

Posto Administrativo	1997	2007
Xinavane	40	38
3 de Fevereiro	49	58
Ilha Josina Machel	50	55
Magude	52	45

Fonte: RGP 1997 e 2007

Quando olhamos para a relação entre sexos, os desequilíbrios extremos entre homens e mulheres no período pós-guerra parecem ter sido corrigidas. As relações entre os sexos são semelhantes ao que eram em 1981.

Tabela 3: Relação H/M (homens para 100 mulheres), população residente e presente

Distritos	1981	1997	2007
Magude	79	72	82
Manhiça	89	77	85

Fonte: RGP 1981, 1997, 2007

5 Em 2007, 25 de Setembro ainda era administrativamente parte de Xinavane, por isso, nestes dados, não podemos distingui-la da Vila de Xinavane.

Quando olhámos mais de perto para os dados subjacentes, porém, descobrimos que não é tão claro que o renascimento económico tenha trazido homens de volta para casa se é que alguma vez os impediu de sair. As relações entre os sexos também são influenciadas pela migração de homens à procura de trabalho na produção de açúcar e por mulheres a partirem para os centros urbanos, tanto Maputo como na África do Sul. Quando descriminámos a população por grupo etário e por sexo, pareceu que a proporção de mulheres residentes mas não presentes crescia mais rapidamente que a dos homens. Alterações na mortalidade também afectam as relações entre os sexos; as taxas de mortalidade devido à SIDA estão agora mais elevadas para mulheres do que para homens.

A mortalidade dos adultos é um problema nesta região. O projecto do CISM de vigilância demográfica a longo prazo cobre algumas das áreas de Manhiça onde a mão-de-obra é recrutada pela AdX. Estudos mostram que a mortalidade infantil nesta área é mais baixa do que na maioria das áreas rurais de Moçambique, mas a TMI (taxa de mortalidade infantil) permaneceu estável em 80 durante o período de vigilância. Mais intrigante é que a probabilidade de se morrer nas idades 15 a 60 (mortalidade adulta) aumentou de 0.4 em 1997 a 0.6 em 2005 (Nhacolo *et al* 2006). Isto significa que a esperança de vida diminuiu de 53 para 46, não é o que se espera num período pós guerra.

Conclusão

Ao analisar as conexões entre a expansão da produção de açúcar e as mudanças no bem-estar, não nos podemos abstrair do contexto histórico de longo prazo que se reflecte na variedade de meios de subsistência entre a população rural em Xinavane e Magude. A cana-de-açúcar é importante desde há muito nesta área, mais ainda a história de género resultante das migrações de mão-de-obra para a África do Sul, reflecte o elevado número de agregados familiares chefiados por mulheres, proporções desequilibradas entre sexos, interdependência entre agricultura e rendimento não-agrícola, e a diferenciação económica entre agregados rurais. A estagnação do pós-guerra, exacerbada pela precarização do recrutamento de mão-de-obra e desemprego na África do Sul e ciclos de seca e de cheias, deram origem a uma crise de subsistências nesta região. A renovação da produção de açúcar prometeu novos empregos na agricultura. O próximo capítulo olha para o que são estes empregos.

3. Organização Actual do Trabalho Agrícola no Ramo do Açúcar

Introdução

Este capítulo tem como objectivo principal apresentar uma descrição da organização actual do trabalho agrícola no ramo do açúcar, em Xinavane e Magude. Esta descrição será feita nos dois diferentes produtores de cana-de-açúcar destas zonas, nomeadamente: a AdX e os produtores a ela contratadas, ou seja, os chamados *outgrowers*. Dentro dos *outgrowers* destacam-se (i) Vamagogo, que é uma empresa sul-africana, (ii) associações de pequenos produtores locais e (iii) pequenos produtores privados. Com vista a responder ao principal objectivo deste capítulo, são considerados três aspectos principais: processos de trabalho agrícola na produção de cana-de-açúcar e os diversos tipos de trabalhos envolvidos, padrões de recrutamento dos trabalhadores, e condições de habitação e de trabalho. Começamos com a AdX porque a sua maneira de organizar a produção de açúcar determina em grande medida os padrões de produção dos contratados.

Açucareira de Xinavane

A Açucareira de Xinavane é uma agro-indústria com actividade agrícola (produção de cana-de-açúcar) e industrial (produção do açúcar) integrada. Esta açucareira dedica-se à produção de açúcar e de melaço para o mercado nacional e para exportação. Açúcar refinado e derivados da cana-de-açúcar não são produzidos na fábrica de Xinavane. Esta açucareira gera emprego permanente e sazonal. Os trabalhadores permanentes estão concentrados na indústria, serviços e tarefas administrativas, enquanto o trabalho sazonal está concentrado nas tarefas agrícolas. O nosso foco neste relatório é sobre as condições de trabalho dos trabalhadores agrícolas, tanto sazonais e permanentes.

Descrição do processo de trabalho agrícola

O trabalho agrícola na produção de cana-de-açúcar é complexo e envolve diversas etapas e tipos de trabalhadores.

A tabela 4 descreve as principais etapas associadas ao trabalho e produção de cana-de-açúcar.

Tabela 4: Principais Etapas da produção da cana-de-açúcar

Actividades	Tempo	Processos de trabalho
Limpeza e preparação dos campos de produção de cana-de-açúcar	Fevereiro a Março ou após a queimada e corte da cana	Esta actividade pode ser realizada de duas formas. Primeira forma, nos casos de uma terra utilizada pela primeira vez para a produção de cana, é necessário delimitar, especificar e construir os canais e vales de regadio. Este trabalho tem sido realizado por empresas contratadas pela AdX. Segunda forma, nos casos de terra que tem sido utilizada para a produção da cana, após o corte segue-se a limpeza e preparação dos campos. Esta actividade é realizada manualmente, por mulheres, e consiste na recolha dos restos da cana cortada.
Aplicação de Adubos	Após a limpeza e preparação da terra	
Rega	Sete dias após o corte da cana, limpeza dos campos e aplicação de adubos	A rega é um factor muito importante no desenvolvimento da cana e é realizada 20 a 30 vezes durante o ciclo de produção da cana. Esta actividade sofreu uma certa mecanização, pois antigamente era uma actividade realizada manualmente.
Primeira aplicação de herbicida	Primeiro mês após o corte da cana	Esta actividade ocorre enquanto a terra se encontra húmida e é executada manualmente. Segundo o departamento de Higiene e Segurança no Trabalho da AdX a aplicação de herbicida é realizada observando todas as medidas de segurança para os trabalhadores.
Segunda aplicação de herbicida	70 dias após a primeira aplicação, num período em que a cana se encontra numa fase avançada de crescimento	Na segunda aplicação de herbicida a planta da cana-de-açúcar encontra-se numa fase avançada de crescimento. Esta actividade é executada manualmente.
Pulverização	98 dias após o início do ciclo de produção da cana	A pulverização da cana ocorre apenas onde é necessário. Quando a cana está alta esta actividade é executada manualmente.
Primeira sacha	100 dias após o início do ciclo de produção da cana	A sacha é uma actividade executada manualmente com uma enxada. Esta ocorre num período em que a cana está alta em termos de crescimento. A sacha é executada maioritariamente por mulheres em regime de contratos.

Actividades	Tempo	Processos de trabalho
Aplicação de pesticidas	120 dias após o início do ciclo produtivo da cana	A aplicação de pesticida é feita para a sujidade e ferrugem nos campos. Esta actividade é realizada uma a cinco vezes conforme a variedade da cana e o mês do corte da cana.
Segunda sacha	140 dias após o início do ciclo produtivo	
Segunda adubação	Antes dos 160 dias após o ciclo produtivo da cana.	No caso do corte tardio da cana, na campanha anterior, realiza-se apenas uma aplicação de adubo.
Aplicação de herbicida	Alguns dias antes do corte da cana	Esta aplicação de herbicida tem como objectivo impedir o crescimento e floração da cana. É uma actividade realizada por via aérea. Recomenda-se não aplicar herbicida nas plantas que estão próximas das linhas de energia eléctrica
Pulverização aérea	Próximo do período da queimada e corte da cana	A pulverização aérea tem como objectivo garantir a rápida secagem da cana. A maneira como esta actividade é realizada tem criado alguma insatisfação por parte das pessoas que vivem nas proximidades dos canaviais. Segundo relatos da população, o líquido usado acaba por cair nas suas residências criando problemas respiratórios e de pele.
Queimada e corte da cana	Décimo a décimo quarto mês depois do plantio ou corte da cana na campanha passada	Antes do corte, a cana é queimada com vista a maximizar a sacarose afugentar cobras e bichos. Após o corte a cana deve ser moída no máximo até 48 horas, caso contrário a cana fermenta e vira glicose, perdendo assim a sacarose.

O processo de produção envolve diversos tipos de trabalhadores interdependentes. O supervisor de campo está ligado à gestão dos campos e dos trabalhadores, sendo responsável por acompanhar o trabalho de sachadores, regadores, aplicador de herbicidas e adubo, bombeiros e guardas. O chefe da secção ou chefe de bloco é que define a empreitada. O capataz controla as actividades desenvolvidas pelos contratados nos campos.

Os regadores são responsáveis por controlar o processo da rega mudando os aspersores ao longo do campo. Os aspersores devem ser removidos para outras partes do campo num período máximo de duas horas. A natureza do trabalho dos regadores tem-se modificado, como consequência da mecanização. Esta actividade sofreu uma certa mecanização, pois antigamente a rega era uma actividade realizada manualmente. Actualmente, a rega é uma actividade mecanizada e feita por aspersão. A introdução deste sistema de

rega permitiu aumentar a produtividade do trabalho nesta área. Na AdX, a rega é uma actividade desenvolvida por mulheres e por homens que se encontram a trabalhar em dois turnos, isto é, das 6 - 14 horas e das 10 - 18 horas. Na área da agricultura na AdX ainda existem alguns trabalhos manuais, mas a tendência será a mecanização. Os bombeiros são responsáveis por controlar e captar a água do rio para a irrigação.

Para muitos trabalhos manuais, a organização do trabalho nos campos de produção de cana é baseada em empreitadas, o que significa que cada trabalhador tem uma determinada meta de trabalho a cumprir. No caso específico dos sachadores, cada empreitada tem cerca de 3 linhas com 100 metros cada, e os cortadores de cana têm 8 linhas com 100 metros cada. A empreitada dos sachadores não é rígida, pois depende do tamanho do capim.

Em alguns casos, quando o trabalhador não consegue terminar a sua empreitada esta é concluída por uma pessoa amiga ou que tem alguma limitação física. Apenas se permite uma empreitada por dia para cada trabalhador. No Verão as actividades nos campos de produção de cana-de-açúcar ocorrem das 5 às 13 horas e no Inverno das 6 às 14 horas.

Uma vez que o trabalho agrícola tem por base a empreitada, existe uma variabilidade no cálculo do salário mensal do trabalhador. Por exemplo, o facto de na categoria A1A o salário mensal ser de 2,554 meticais, não significa, necessariamente, que este seja o salário que o trabalhador poderá auferir no final do mês. Para o trabalhador poder completar o dia de trabalho deve concluir a sua empreitada, caso contrário não irá contar como um dia de trabalho. Uma empreitada não acabada pode ser marcada como uma falta ou uma meia-empreitada, o que equivale a metade do salário diário. Existem também casos em que o trabalhador consegue apenas uma empreitada pela metade.

Os cortadores de cana não conseguem ter empreitadas durante 30 dias no mês pelo facto de o número de cortadores de cana ser superior às empreitadas diárias existentes. Durante uma entrevista com um cortador de cana da AdX, este referiu de que chegam a ficar cerca de 5 dias durante cada mês sem uma empreitada.

Força de trabalho na AdX: padrões de recrutamento

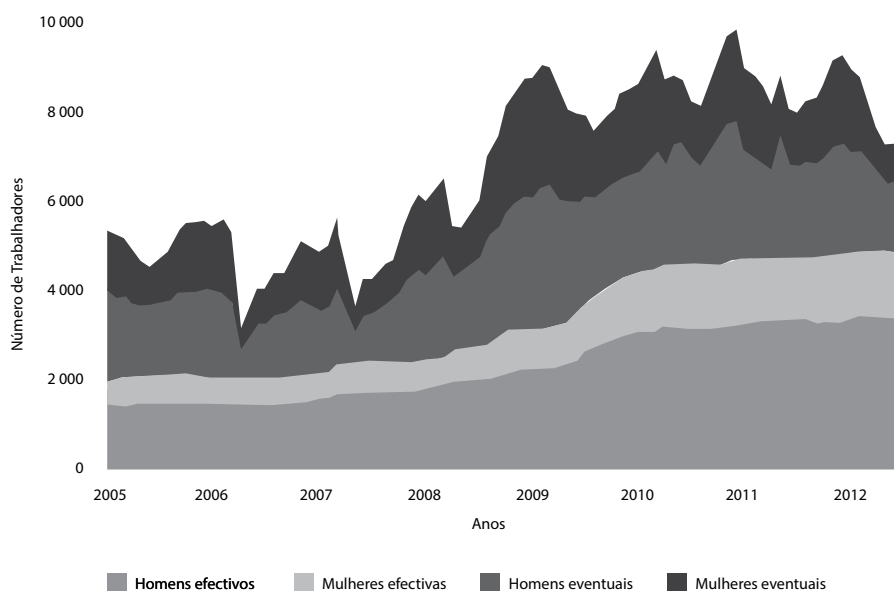
O processo de produção de cana-de-açúcar envolve uma diversidade de actividades que são desenvolvidas pela combinação de uma força de trabalho permanente e sazonal. Os trabalhadores permanentes são aqueles que fazem parte do quadro efectivo da AdX e têm um contrato indeterminado. Os trabalhadores sazonais são aqueles que possuem um vínculo temporário com a açucareira, num período mínimo de três meses. Estes trabalhadores são contratados para realizar uma determinada actividade num determinado período de tempo.

Todos os dados sobre o emprego que nos foram fornecidos pela AdX referem-se ao número de trabalhadores empregados, não o número de dias que trabalharam por mês. Os dados dos

salários mensais referem-se ao máximo rendimento mensal possível para cada categoria, e não aos salários relativo aos dias efectivamente trabalhados, que correspondem ao número de dias de trabalho. O gráfico 2 mostra a evolução da força de trabalho na AdX, por sexo e categoria, no período de Janeiro de 2005 a Maio de 2012. De uma forma geral, neste período, o número de trabalhadores da AdX registou um crescimento até 2008. Olhando especificamente para cada categoria e sexo, verifica-se, também, um crescimento estável até 2008 na proporção de trabalhadores efectivos (homens e mulheres), com destaque para a força de trabalho masculina. Em relação aos trabalhadores sazonais, dada a variabilidade temporal das actividades agrícolas, verifica-se uma certa flutuação da força de trabalho.

Para os próximos anos espera-se uma estabilização da força de trabalho na AdX, como consequência (i) da mecanização que se está a desenvolver (por exemplo, a rega passou a ser uma actividade mecanizada) e (ii) em relação a produção de cana-de-açúcar, a AdX esta próximo de atingir a capacidade instalada de moenda de cana que a fábrica possui. Com a mecanização dos processos produtivos, a procura por mão-de-obra, especialmente a sazonal, pela AdX tenderá a estabilizar-se ao longo do ano. A mecanização permitira à AdX reduzir a dependência na excessiva mão-de-obra sazonal e a aumentar a produtividade do trabalho.

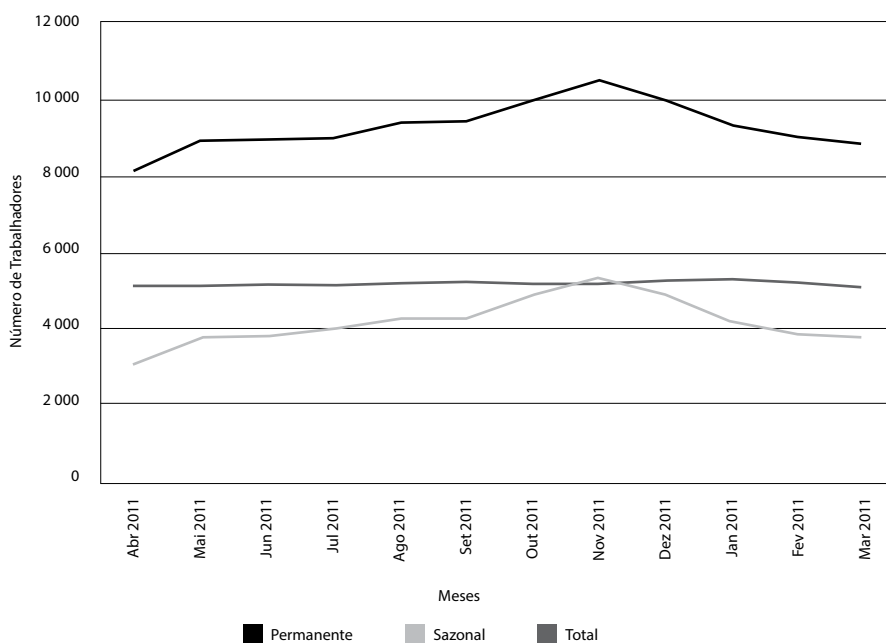
Gráfico 2: Evolução da força de trabalho na AdX, por sexo e categoria, Janeiro 2005 – Julho 2012



Fonte: AdX, 2012

O gráfico 2, apesar de ilustrar a evolução da força de trabalho na AdX no geral, não apresenta uma informação específica sobre o número de trabalhadores na área da agricultura. A exploração dos dados do *monthly reports* da AdX permite obter informação sobre os trabalhadores agrícolas. Estes dados mostram que apesar do crescimento do número de trabalhadores da AdX, a maior parte destes concentra-se na Direcção Adjunta da Agronomia (DAA). A DAA é responsável pela coordenação dos trabalhos nos campos de produção de cana, incluindo a contratação dos trabalhadores. O gráfico 3 construído com base nos dados extraídos dos relatórios das folhas de pagamento mensal para o ano agrícola de Abril de 2011 a Março de 2012, mostra uma tendência de estabilização da força de trabalho agrícola nesta açucareira. Por outras palavras, a diferença entre a percentagem dos trabalhadores sazonais e permanentes tende a reduzir, com destaque para o aumento de trabalhadores permanentes na agricultura. O número total de empregados varia entre 8,173 em Abril e 10,548 em Novembro. O trabalho permanente foi bastante estável ao longo da campanha agrícola. O número de empregos sazonais, contudo, variou entre 3,052 em Abril e 5,367 em Novembro no pico da colheita. A AdX diz que todos os trabalhadores sazonais estão sob contrato de pelo menos três meses. Os cortadores de cana são contratados para a duração da campanha, mas os apanhadores contratados localmente, na maioria mulheres, têm contratos de curto prazo.

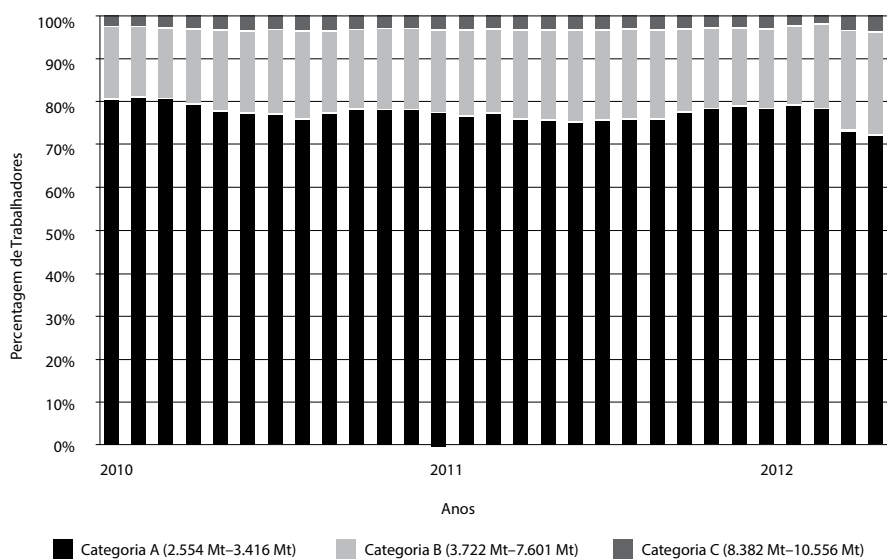
Gráfico 3: Número de trabalhadores permanentes e casuais na AdX, Abril 2011–Março 2012



Fonte: Relatórios Mensais da AdX, 2009–2012

Apesar de haver uma tendência de estabilização da força de trabalho na AdX, com base na exploração dos *monthly reports*, verifica-se uma concentração de trabalhadores na categoria mais baixa. O Gráfico 4 mostra que a maior parte da força de trabalho na AdX encontra-se na categoria A, com um salário máximo entre 2,554 a 3,416 meticais. Esta categoria é ocupada maioritariamente por trabalhadores agrícolas.

Gráfico 4: Percentagem de trabalhadores agrícolas por categorias (A, B e C), 2010 – Maio 2012



Fonte: Relatórios Mensais da AdX, 2009–2012

O processo de recrutamento da força de trabalho para a AdX conheceu algumas transformações. No período colonial e após a independência, dada a falta de mão-de-obra, o recrutamento era feito com base numa parceria entre a empresa açucareira e os chefes das localidades vizinhas. Eram os chefes das localidades que junto aos respectivos bairros mobilizavam as pessoas que estavam dispostas a trabalhar e posteriormente enviavam os seus nomes para os escritórios da açucareira. No caso específico dos cortadores de cana, havia uma empresa subcontratada pela AdX que fazia a gestão do recrutamento e alojamento dos cortadores. Com o surto de cólera em 2010, em que os acampamentos foram afectados, registando-se mortes de cortadores cana, a AdX internalizou o recrutamento.

Actualmente, o recrutamento dos trabalhadores é gerido directamente pela açucareira. No trabalho agrícola na AdX, são os chefes de secção que decidem sobre o número de pessoas a contratar para uma determinada actividade. Os trabalhadores ligados a área da agricultura, como por exemplo, sachadores, regadores e cortadores de cana, dirigem-se para os campos de produção de cana e oferecem-se para trabalhar. Depois de serem aprovados pelo chefe da secção nos campos, dirigem-se aos escritórios da empresa e apresentam o bilhete de identidade para formalizarem a sua contratação. Uma outra fonte de recrutamento, mas não muito utilizada pela AdX, é o Instituto Nacional de Emprego e Formação Profissional (INEFP), com representação no Distrito da Manhica. Os contratos começam a partir de três meses em diante. Existem trabalhadores que estão a cerca de cinco ou seis anos como sazonais. Quando termina o contrato os trabalhadores ficam em casa e regressam para a açucareira no início da próxima campanha.

Dada a ausência de fontes alternativas de emprego no Distrito da Manhica e Magude a população encontra-se disponível a oferecer a sua força de trabalho à AdX em troca de rendimentos monetários. Esta escassez de emprego e a dependência do rendimento monetário para a subsistência das famílias contribui para a existência de casos de injustiças no processo de recrutamento. Segundo relatos da população nas zonas de actuação da AdX, os recrutamentos, nalguns casos, são feitos com base em laços de parentesco, amizade, e até valores monetários. Alguns trabalhadores referenciaram que para um trabalhador passar de contratado a efectivo deve ter tais relações com o chefe da secção. Um outro mecanismo de promoção de trabalhadores sazonais a efectivos é a assiduidade e o comportamento do trabalhador ao longo do período da campanha. Por exemplo, conseguir cumprir devidamente as empreitadas atribuídas.

O recrutamento dos cortadores de cana, os chamados "*magaulanes*" é diferenciado em relação às restantes áreas de trabalho na AdX. Os cortadores de cana são um grupo de extrema importância para a açucareira, razão pela qual durante o recrutamento se dá prioridade a pessoas que tenham conhecimento do corte de cana. Grande parte dos cortadores de cana é proveniente de Inhambane, Beira, Zambézia, Chimoio e Tete. Dado o conhecimento, por parte dos cortadores de cana, do período do corte da cana e da existência de emprego na AdX, estes saem, em grupo ou individualmente, das suas terras de origem para Xinavane. No final da campanha (por volta de Novembro – Dezembro) regressam às suas terras. No ano seguinte o processo de contratação é similar. No início da campanha de 2012 apareceram muitos cortadores e nem todos conseguiram trabalho na AdX. Instalou-se um ambiente de confusão e a AdX, por temer o desenvolvimento de uma manifestação por parte das pessoas que não conseguiram emprego na AdX, acabou por criar condições para o regresso de uma parte destas pessoas.

Salários

A tabela 5 mostra os salários, para cada categoria, em vigor na AdX no ano de 2012.

Tabela 5: Tabela salarial na AdX em 2012 (trabalho agrícola)⁶

Letra	Salário Base (em Meticais)
A1A	2,554
A1	3,246
A2	3,317
A3	3,416
B1	3,722
B2	4,747
B3	5,586
B4	6,411
B5	7,601
C1	8,382
C2	9,626
C3	10,556

Em geral os salários reflectem os níveis de experiência e qualificação que os trabalhadores têm. De acordo com a tabela salarial, por exemplo, os trabalhadores da rega encontram-se nas categorias A2 (3,317 meticais) e A3 (3,416 meticais). Esta é a categoria mais baixa da açucareira. Os sachadores fazem parte do grupo de trabalhadores na categoria mais baixa da AdX, A1A (2,554 meticais).

Alojamento e transporte⁷

A AdX possui sete acampamentos, nomeadamente: Tanninga, Fábrica velha (Madala), Matequinhene, Aguiar 1 e 2, Maholele e Timanguene. Estes acampamentos têm como objectivo acomodar os trabalhadores que vêm de fora de Xinavane.

⁶ Documento fornecido pelo SINTIA.

⁷ Não conseguimos ter acesso aos acampamentos da AdX. As informações a seguir vêm de entrevistas com trabalhadores e técnicos.

Os acampamentos de Aguiar (Xinavane) e Timanguene (Magude) localizados entre os canaviais e afastados da vila, são habitados pelos cortadores de cana. Nos acampamentos cada quarto é partilhado com cerca de 10 pessoas e dormem nas esteiras. Alguns cortadores de cana quando começam a trabalhar na AdX vivem nos acampamentos, mas à medida que vão constituindo família acabam por abandonar os acampamentos, pois não é permitido viver neste espaço com a família.

Os cortadores de cana começam as suas actividades às 3 horas da manhã; são transportados por camião ou atrelado dos acampamentos para os campos. Existem também certos pontos de recolha onde outros trabalhadores do campo podem encontrar transporte. Não há transporte suficiente para todos os trabalhadores. Uns vão a pé e uns usam o chapa, pagando 10 meticais. Alguns trabalhadores permanentes recebem bicicletas da empresa ou compram-nas.

Segurança e saneamento

A AdX tem sido rigorosa nas questões relativas a segurança no trabalho. Tem uma campanha activa de segurança do trabalhador que aborda acidentes na fábrica, no campo e nas estradas. Informação sobre questões de segurança está afixada por todas as instalações da AdX. Áreas de perigo são referidas nas 'Regras de Huley' (*Huley's Rules*) pintadas para todos verem na entrada para o complexo principal na Vila de Xinavane (estas são de compreensão difícil, ver foto no Apêndice B). Conselhos sobre como manusear equipamento e evitar acidentes de trabalho discutem-se na formação de indução.

Todos os trabalhadores têm equipamento de trabalho, tais como catana, botas e fardamentos. Os equipamentos são fornecidos gratuitamente aos trabalhadores. O fornecimento destes equipamentos não garante o uso por parte dos trabalhadores. De acordo com um dos cortadores de cana, eles preferem usar a sua própria roupa em detrimento do fardamento, pois o fardamento fornecido pela empresa é de cor branca e facilmente se suja. Um outro aspecto levantado pelos cortadores é o facto de o fardamento ser pesado, o que, em parte, dificulta o trabalho. Os cortadores de cana não têm acesso a máscaras de protecção, razão pela qual reclamam de constipação pelas poeiras.

Não há sanitação nos campos de produção de cana. Antigamente nos campos de produção de cana havia falta de água potável. Dada a pressão exercida pelo sindicatos a empresa passou a circular tanques de água para o consumo dos trabalhadores. Também existem tanques de água que são reabastecidos durante o dia nos períodos quentes. O acesso a água potável ainda constitui um problema, pois, em alguns casos os trabalhadores devem trazer a sua água. Cada trabalhador do campo recebe um recipiente para colocar a água. Esta água é trazida de casa. Alguns trabalhadores não levam água para o campo e quando estão com sede consomem a água que é usada para a rega da cana. Esta água é puxada directamente do rio e não passa por nenhum tratamento. Os trabalhadores devem trazer a comida de casa, pois a empresa não fornece nenhuma refeição ou suplemento.

Cuidados de saúde

Segundo o Director adjunto da área de higiene e segurança no trabalho da AdX, as pessoas recrutadas para trabalhar na AdX antes de serem admitidas e assinarem os seus contratos passam por exames médicos na clínica da AdX. Os exames médicos, também chamados exames de entrada, são obrigatórios e têm como objectivo verificar o estado de saúde do trabalhador e a (in) compatibilidade do seu estado de saúde em relação à actividade a exercer. Estes exames cobrem a tuberculose e não o HIV-SIDA e a malária. Caso o trabalhador tenha um problema de saúde que não seja compatível com o trabalho para o qual seria alocado este pode ser colocado em uma outra área de trabalho. Após a admissão os trabalhadores passam pelo processo de indução (uma pequena formação em questões de higiene e segurança no trabalho). Os trabalhadores sazonais, no final do seu contrato são submetidos novamente a exames médicos, os chamados exames de saída.

A açucareira tem uma clínica onde todos os trabalhadores têm acesso a cuidados médicos e assistência medicamentosa. Esta clínica responde principalmente para os casos de acidentes de trabalho. Nos canaviais existem socorristas para intervirem em casos de acidentes de trabalho. O socorrista é um trabalhador da AdX, que exerce outras actividades na empresa. Estes são formados em primeiros socorros pela Cruz Vermelha. No passado, experimentaram ter socorristas a tempo inteiro mas ficaram desmoralizados, pois ficavam sem trabalho na maior parte do tempo. Casos de ferimentos graves são encaminhados para a clínica da AdX e em último caso passam para o hospital de Xinavane.

Acesso aos Serviços Nacionais de Saúde subsidiados permanece o principal recurso a cuidados de saúde para os trabalhadores da AdX e suas famílias. As famílias estritamente falando não são beneficiárias de cuidados de saúde na clínica da AdX (apesar de lá termos visto algumas) e a maioria dos próprios trabalhadores prefere ir aos postos de saúde locais que se situam perto de casa. Há por vezes grandes filas, mas não falamos com alguém que tivesse pago mais para o acesso do que a taxa nominal de 5 MT. Obtêm alguns medicamentos grátis pelo SNS mas também compram em farmácias privadas.

Segurança social

Todos os trabalhadores da AdX, sazonais como permanentes, têm contrato de trabalho e encontram-se inscritos no Instituto Nacional de Segurança Social (INSS). A AdX desconta 3% dos recibos dos trabalhadores para cobrir a sua contribuição mensal para o INSS e paga as contribuições deles. Em princípio, os trabalhadores podem solicitar pagamento por doença, mas o processo é complexo e lento. Muitos trabalhadores agrícolas sazonais ressentem-se destes descontos, porque não esperam vir a ter um vínculo contratual que lhes permita reclamar subsídios por doença ou pensões.

Assistência social mais ampla

A AdX tem um plano social bem especificado, com fundos dedicados para gastos sociais. Construiu escolas, postos de saúde e casas para o pessoal nas cidades de Xinavane e Magude e nas comunidades adjacentes às suas áreas de produção em Timanguene e Maholele. Disponibiliza um tractor e reboque para limpar a vila de Xinavane e em dada altura chegou a emprestar duas ambulâncias. Tem programas para a prevenção do HIV/SIDA e da malária.

A AdX está presentemente em conversações com as autoridades de saúde sobre qual a sua contribuição para a realocização do Hospital Rural de Xinavane, que no período colonial era operado pelo próprio Incomati Estate. Não existe clínica disponível para os blocos da AdX de Magude e Moamba. Discute-se sobre a construção de uma clínica em Timanguene que serviria exclusivamente os trabalhadores da AdX de ambas as áreas. Actualmente muitos casos graves de malária entre os moradores dos acampamentos em Timanguene estão a ser tratados no hospital do Sistema Nacional de Saúde na vila de Magude.

Produtores integrados (*outgrowers*)

A Açucareira de Xinavane é o maior produtor de açúcar na zona sul de Moçambique. De facto, a AdX depende principalmente da sua própria produção para abastecer a fábrica. Existem nesta zona diversos produtores de cana com diferentes relações com a AdX. Isto inclui a grande companhia sul-africana, Vamagogo, que tem arrendado terra da AdX, associações de pequenos produtores que funcionam como pequenas empresas que contratam serviços da AdX, e um pequeno número de pequenos produtores privados, baseados em Magude.

Vamagogo

A tabuleta pintada à mão 'Vamagogo' nos portões da entrada contradiz o grande empreendimento agrícola que sinaliza. A Vamagogo Estates foi constituída em 2001 por um bem conhecida companhia sul-africana a 'Sunshine Seeding Services' que está a diversificar as suas actividades na região. Tem cerca de 1400 hectares para produção de cana e outros 2000 hectares para produção de gado bovino em Chibanza, na periferia da AdX. Tem uma concessão de 48 anos (faltam 36 anos) nesta terra da AdX, e fez grandes investimentos em reabilitação do local e construção de infra-estrutura de irrigação com melhorias ainda a decorrer. Compra os seus próprios insumos e organiza o processo de produção, dependendo da AdX apenas para a compra da sua cana.

Os únicos trabalhadores com contrato permanente são um pequeno número de pessoal administrativo, operadores de máquinas especializados e mecânicos. O director disse-

nos que contratos permanentes não fazem sentido económico na produção de açúcar uma vez que as tarefas não são constantes ao longo do ano. A Vamagogo contrata sazonalmente mulheres a nível local para monda e limpeza. Disponibiliza transporte de Taninga mas espera que algumas mulheres da Ilha Josina que vivem suficientemente perto venham a pé para o trabalho (ver mapa 1, Capítulo 1). Entram às 6 da manhã no Inverno, mais cedo no Verão, muitas vezes já com uma hora ou mais de caminhada. Os cortadores de cana são contratados para a duração da estação de corte, de Maio a Dezembro. No passado, a companhia recrutou trabalhadores em Inhambane, mas em 2012 os trabalhadores do centro de Moçambique chegaram em massa aos seus portões, muitos deles tendo sido afugentados da AdX após não terem conseguido empregos ali. A Vamagogo contrata mulheres cortadoras de cana, embora os homens sejam a maioria. No ano passado o melhor cortador foi uma mulher de Inhambane, todavia não voltou neste ano. Os trabalhadores veteranos ajudam os amigos ou os parentes ou os da mesma região para se registarem.

A Vamagogo aloja os trabalhadores num complexo herdado pela Incomati Estates e também alojou cortadores de cana num acampamento operado pela AdX. Há uma fonte de água para o acampamento e algumas casas têm electricidade. Cada pequeno edifício tem dois quartos, alguns ainda usados como armazéns. Cada quarto deveria alojar oito trabalhadores, mas alguns deles chegam a ter 12 trabalhadores, muitos a dormir em esteiras no chão (ver foto, Apêndice B). O actual gestor planeia melhorar o alojamento mas observou que isto requer convencer os directores da companhia.

A Vamagogo define os salários para a maioria dos trabalhadores dos campos 10% acima dos da AdX, esperando atrair mais trabalhadores regulares. A excepção é o corte da cana onde há um acordo com AdX para manter os salários no mesmo nível para evitar incentivos a paragens de trabalho na AdX. Como na AdX, as jornas da maior parte dos trabalhos de campo estabelecem-se com base numa tarefa, definida pelo capataz com relação às condições do campo. Para os cortadores de cana isto é 242 MT pela tarefa, geralmente 8 filas de 120 metros. Também se pagam meias tarefas a meia jorna. A Vamagogo não disponibiliza qualquer assistência social. Actualmente não há quaisquer deduções nem para o sindicato nem para o INSS. O director diz que gostaria de levar os trabalhadores da Vamagogo ao esquema de segurança social e ofereceu pagar ambas contribuições por algum tempo, mas os trabalhadores estão relutantes em aderir. Entre os trabalhadores permanentes, tanto na Vamagogo como na AdX, há clérigos que aconselham e organizam cerimónias religiosas para os trabalhadores migrantes; isto não é uma iniciativa da direcção.

A Vamagogo aloja uma reserva de mão-de-obra interna, no sentido de que há mais cortadores de cana contratados ou a viver no acampamento do que cortes a serem feitos num determinado dia. Grupos de trabalhadores sobem para os camiões antes do nascer do sol mas até chegarem ao campo não sabem se terão realmente uma tarefa. Formam grupos regionais – os de Inhambane, da Zambézia ou Gaza, por exemplo que se entreajudam para

serem escolhidos e empurrarem os outros para fora do caminho. Por vezes, um trabalhador contratado dá metade da tarefa a um amigo que trabalha sem contrato, partilhando ambos os pesos do trabalho e parte do pagamento. Aqueles que não conseguem uma tarefa por vezes aceitam outro trabalho. Um dos supervisores contrata com regularidade trabalhadores do acampamento para o seu negócio de fabrico de tijolos. Um cortador que consegue trabalho todos os dias pode ganhar mais de 6000 MT num mês, mas os trabalhadores com quem falamos e os recibos de vencimentos que vimos sugeriram que 3000 por mês é normal.

Cortar a cana é trabalho árduo, é necessário saber fazer um corte certo no topo em diagonal próximo do chão e fazê-lo depressa. Grupos regionais entram em competição uns contra os outros e cantam reciprocamente canções insultuosas para manter o ritmo. Alguns fumam cannabis para os ajudar a continuar com o trabalho. Por vezes há lutas. Há uma pausa das 9 às 9 horas e 30 minutos e um suplemento alimentar (Morvit) é distribuído aos cortadores.

Os cortadores de cana cortam-se por vezes com gravidade. Existe uma caixa de primeiros socorros no campo e uma pessoa na companhia com alguma formação básica de primeiros socorros. Casos mais críticos são enviados ao hospital em Xinavane. Os trabalhadores vestem um uniforme básico – blusa e calças pretas – para os proteger das folhas das plantas de cana, aguçadas e que arranham. Também recebem uma faca para as canas e botas de borracha para atravessarem o lamaçal e se protegerem das cobras. Há deduções nos salários para estas, mas o director disse que estas eram reembolsadas se o trabalhador ficasse mais do que dois ou três meses (sugerindo uma alta taxa de rotatividade). Foi-nos dito que os cortadores também recebem óculos de protecção devido às poeiras, caneleiras e luvas que não gostam de usar. Trabalhadores com quem falamos disseram-nos não terem recebido este equipamento e não estava mencionado nos recibos dos salários que vimos. Os operadores de máquinas usam um uniforme diferente e recebem capacetes de protecção.

A maior parte dos grupos acaba a tarefa por volta das 14h e apanha o camião de regresso ao acampamento, onde varrem, lavam-se, mudam de roupa e preparam a comida. A maioria coopera com os outros do seu quarto para comprar um ‘rancho’ mensal de básicos – farinha de milho, arroz, óleo, feijões, amendoim, cebolas e peixe seco, por vezes tomates, e cozinham à vez. Podem comprar básicos secos a crédito numa loja da companhia no acampamento, mas a maioria não gosta de o fazer, não confiando nas deduções nos seus recibos de vencimento. Também compram sabão, esteiras limpas para dormir e crédito para o telefone. As primeiras coisas para que poupam são roupas decentes para usar fora dos campos e um telefone celular. Todos se preocupam com roubos no alojamento. A maioria tenta enviar algum dinheiro para casa ou poupam-no para a viagem de regresso. Mesmo os operadores de máquinas melhor pagos dizem que o seu salário não estica para beberem cerveja enlatada. Contentam-se com bebida local.

As associações

A formação de associações em Xinavane e Magude foi uma parte importante da estratégia da expansão empreendida pela AdX e facilitada pelo governo. Ao reclamar terras outrora cultivadas pela Incomati, a companhia deparou-se com reivindicações, das comunidades e indivíduos, que ao abrigo da Lei da Terra podiam com legitimidade reivindicar direitos à ocupação através de cultivo contínuo por dez anos ou mais. Ao avançar para Magude, a AdX assumiu o controlo de terras abandonadas das machambas estatais de citrinos à volta da Vila de Magude e em Timanguene. Nalgumas áreas, também fazia sentido para a companhia estender as suas propriedades em áreas de intervenção, algumas das quais ocupadas por famílias de agricultores e proprietários de gado ou para assegurar que os investimentos em estações de bombagem e canais não seriam comprometidos pela pilhagem do gado. Em tais casos, com apoio do governo, a AdX ofereceu aos chefes de agregado uma compensação monetária pelas suas terras, ou a oportunidade para estabelecerem as suas próprias associações de produtores integrados, com uma vistoria inicial e construção de infra-estrutura de irrigação disponibilizada através da AdX. O processo tem sido muito longo; a primeira associação foi a de Manguigane, constituída em 1998, novas associações estão ainda em formação. A maioria das associações, a pedido da AdX e do governo, ficaram com uma pequena parcela de terra irrigada para a produção de alimentos.

Nem todas as comunidades onde a AdX propôs assumir a terra das famílias de agricultores concordaram em aceitar compensação ou submeter as suas terras ao açúcar. Na Ilha Josina, por exemplo, os agricultores rejeitaram inicialmente a oferta da companhia e decidiram manter a sua produção de horticultura/cereais/gado. A estratégia da associação, porém, levou a aliviar a expansão da AdX sobre terras que não tinham sido cultivadas com açúcar. Encontrámos famílias de agricultores que aceitaram a compensação mas que agora sentem que não foram suficientemente pagas, alguns que se queixam de falta de acesso a locais com água para o gado, e outros que foram expulsos da terra que estavam a cultivar quando as suas reivindicações à posse da mesma não foram aceites. De uma forma geral, porém, aqueles que assinaram contratos com a AdX para cultivar cana-de-açúcar estão felizes por o terem feito, apesar de poderem queixar-se sobre o pouco que lhes pagam pela colheita, e outros estão neste momento a abordar a companhia para averiguar se podem entrar num esquema de produção integrada. A associação Armando Gebuza na Ilha Josina na área que rejeitou primeiro a sondagem da AdX, está agora a tentar convencer a companhia a aceitá-la. Para compreender esta onda de entusiasmo, a razão porque há tal corrida ao açúcar, tem que se olhar para a forma como a produção está organizada nas associações.

De acordo com a AdX, a maioria das associações e alguns dos pequenos produtores privados contratados estão de facto a arrendar as suas terras à companhia. Esta desenhou e pagou o investimento inicial em infra-estrutura, disponibiliza insumos e assessoria técnica e determina o calendário de todas as operações no campo. As associações recrutam o número de trabalhadores necessários para a área. Estes incluem um número limitado de empregos

permanentes – supervisores e capatazes – empregos estáveis contratados – guardas e trabalhadores da irrigação – e trabalhadores contratados a curto prazo para a monda e limpeza. Todos os trabalhadores recrutados pela associação devem passar pela indução e processo de contratação da AdX, são pagos pela companhia e dela recebem equipamento e uniformes. Quando não há mais a fazer nas suas associações, podem ser arrendados para fazer trabalho nas associações vizinhas. Os supervisores são geralmente os presidentes das associações, pessoas com algum peso político nas suas comunidades, que decidem quem fica com o emprego e podem determinar se uma tarefa foi executada adequadamente, mas o técnico da companhia também faz supervisão. Os cortadores de cana são recrutados pela AdX, não pelas associações, e são distribuídos quando a companhia decide que faz sentido fazer a colheita na sua área (em função da maturidade da safra e capacidade disponível da fábrica). A companhia determina o conteúdo de sacarose da safra, subtrai o custo dos insumos, mão-de-obra e amortização do investimento inicial. As condições de trabalho são mais ou menos as mesmas como para o mesmo trabalho num campo da AdX, apesar da tarefa do supervisor poder ser mais limitada e poder haver mais latitude no ajuste das tarefas e no prolongamento do trabalho para além do estritamente necessário.

Portanto, aqueles que trabalham nos campos de cana-de-açúcar da associação não incluem necessariamente os seus membros. De facto, na maior parte das vezes tal não se verifica. Os membros são pequenos proprietários de terra, que vivem das suas rendas. Um camponês próspero, proprietário de um bom talhão de terra irrigável, explicou-nos porque gostaria de entregar a sua terra ao açúcar: ‘Com milho tenho que mondar duas vezes e nunca tenho a certeza que encontro um comprador por um bom preço; com o açúcar não faria nada e seria pago’. Se bem que a AdX fale de um período de aprendizagem, onde posteriormente as associações passariam a organizar a sua própria produção, a maioria daqueles com quem falámos considerava o sistema duradouro. Maguiguane, a mais antiga associação, baseada num grupo cooperativo estabelecido pela Missão Suíça antes da independência, e integrada no projecto de cooperativização após a independência, tem uma experiência distinta. Optou pelo açúcar, mas não pela estratégia de gestão das outras associações. Contrata e paga os seus próprios trabalhadores, alguns dos quais são membros da associação. Preocupa-se em construir o seu próprio fundo social e em adquirir crédito bancário regular. Existem alguns períodos crispados nas suas relações com a AdX no que se refere a contratos e pagamentos, mas será talvez o melhor (ou único) exemplo do que vulgarmente se entende por uma associação de pequenos proprietários nas áreas à volta da AdX.

Houve contradições na formação de associações. Na primeira fase, como forte incentivo à participação, o governo negociou fundos de doadores para cobrir os investimentos em infra-estrutura. Estes já não estão disponíveis, o que significa que as novas associações pagam maiores descontos e assim obtêm menos dinheiro pelo seu açúcar. Protestos sobre isto são atribuídos a ‘desentendimentos’, mas na realidade a maioria dos queixosos parece compreender muito bem o problema; simplesmente pensam que deveriam obter acordo idêntico ao do primeiro grupo de associações.

Também houve conflitos dentro das associações e entre associações e comunidades que tiveram a ver com processos políticos locais relacionados com a riqueza e o parentesco. O modelo inicialmente previa associações de pequenos produtores integrados, cada um com oito a dez hectares, terra suficiente para ser um empreendimento viável. Há algumas associações onde os talhões correspondem a anterior posse de terra, mas na maioria das associações cada agregado na comunidade tem alguma reivindicação à terra e consequentemente a uma parte do rendimento. Deste modo, há associações com 200 a 300 membros, menos de um hectare de terra por agregado, sem identificação a um talhão específico e um rendimento anual regular mas minúsculo. A associação em Chehenisse começou com um talhão bastante grande para cada membro, mas após queixas dos excluídos da filiação, o governo local interveio para dividir a área em duas. Um processo semelhante ocorreu no posto administrativo 3 de Fevereiro onde quatro associações contíguas foram formadas, cada uma com o seu presidente/supervisor. Assim, os salários para a direcção são muito pesados. As associações incentivaram a conversão das terras de horticultura para açúcar e aumentaram o rendimento em dinheiro dos seus membros e dos que trabalham para eles, mas o esquema não é uma alternativa à produção directa. A nossa preocupação inicial era de que os pequenos proprietários contratados pudessem não conseguir disponibilizar o mesmo tipo de protecção laboral que os grandes produtores oferecem. Na prática são iguais, mas o endividamento e consequente perda de terras poderia tornar-se um problema para as associações que não estão protegidas por subsídios de doadores.

Outros produtores integrados privados

Em contraste com Maragra, AdX contratou um muito pequeno número de produtores integrados, produtores comerciais especializados que trabalham fora das associações. Falámos com um deles, Sr. Timana em Magude. É um professor proveniente da Vila de Manhiça que começou a produzir vegetais há mais de vinte anos. Ele disponibilizou os seus 30 hectares de terra irrigada à AdX num arrendamento de doze anos. A companhia plantou as suas canas, instalou o sistema de irrigação, controla as bombas e envia trabalhadores para fazer a monda e o corte da cana. Tal como as associações, recebe pagamento pelo açúcar após a colheita; os custos de produção são subtraídos ao seu rendimento. Ele, por sua vez, continua a criar gado e abriu um talhão menor para vegetais. Espera aprender o suficiente sobre a cultura da cana durante os 12 anos do arrendamento para mais tarde tomar conta da gestão, uma possibilidade que a maior parte das associações não prevê. No entanto, porém, só a Vamagogo trabalha com uma mão-de-obra independente da AdX.

Conclusões

Ao adquirir a Incomati Sugar Estates em Xinavane, e com a subsequente expansão nas áreas irrigadas dos distritos de Magude e Moamba, a Tongaat-Hulett tanto reabilitou as infra-estruturas de irrigação e transporte como modernizou as técnicas de produção. Esta expansão baseou-se no açúcar. Embora a Vamagogo, o seu maior produtor integrado, esteja a criar gado naquela parte das suas terras que não dá para o cultivo da cana-de-açúcar, a AdX e a maior parte dos seus contratados só cultivam açúcar, deslocando a anterior produção de citrinos de Magude e por vezes a cultura de milho, vegetais e frutas dos pequenos proprietários.

A plantação contínua, o corte e o processamento da cana-de-açúcar ao longo de boa parte do ano agrícola significa que a procura de mão-de-obra é mais estável do que em muitos tipos de produção agrícola. A AdX emprega cerca de 4800 trabalhadores ao longo do ano com contratos permanentes, 3000 dos quais são trabalhadores agrícolas. Continua a existir, contudo, procura para trabalho sazonal. A AdX emprega entre 2000 a 3700 trabalhadores agrícolas para tarefas sazonais, como o corte da cana e a monda. A maioria dos cortadores de cana são recrutados de outras zonas e alojados em acampamentos, enquanto outros trabalhadores agrícolas vêm das localidades vizinhas.

Todos os trabalhadores da AdX, sazonais e permanentes, têm um contrato. Isto não significa, porém, que trabalham um número fixo de dias por mês; só significa que para se trabalhar na AdX tem que se ter um contrato. Com efeito, numa altura de grande procura de emprego, o sistema de contratos permitiu à AdX criar uma reserva interna de mão-de-obra, assegurando-se que os contratados são geralmente experientes e assíduos (se bem que os trabalhadores aleguem que o favoritismo dos supervisores e capatazes ainda desempenha um papel). Alojamento próximo dos campos e disponibilizar transporte em pontos de recolha para os trabalhadores locais em períodos de pico de procura, também ajuda a AdX a gerir o recrutamento.

Quase todas as associações de produtores integrados são de facto rendeiças. A AdX organiza tanto as técnicas de produção como o recrutamento de mão-de-obra. Nestas associações, trabalhadores recrutados pela associação recebem um contrato (mais frequente sazonal do que permanente) da AdX e são pagos pela AdX. A direcção da Vamagogo não tentou estabilizar o emprego de trabalhadores agrícolas e não planeia fazê-lo. O director executivo disse-nos que a sazonalidade da produção de açúcar não era compatível com a estabilização da força da mão-de-obra.

A rentabilidade da produção de cana sacarina depende da manutenção da coordenação dos ritmos agrícolas de plantação e colheita da cana com a velocidade industrial da utilização da capacidade de moagem da cana. A este respeito o transporte atempado é crucial. Alguma perturbação no corte ou no processamento da cana coloca, então, uma ameaça imediata ao lucro. Ameaças de greves pelos cortadores de cana são vigiadas cuidadosamente pela direcção (o director dos recursos humanos da AdX explicou que a

sua relutância em deixar-nos entrevistar trabalhadores baseava-se na sua preocupação de que as nossas perguntas pudessem encorajar o protesto dos trabalhadores). Os membros das associações também referiram que o descontentamento com as cobranças da AdX podia levá-los a protestar através do bloqueio de estradas.

A oferta de emprego tem sido um grande contributo da expansão da produção de açúcar, mas este capítulo mostrou que a modernização técnica dos processos de produção não eliminou a necessidade de recrutamento de mão-de-obra sazonal. Nem eliminou a exposição a químicos tóxicos ou acidentes de trabalho nos campos e nas estradas. Nem houve grandes mudanças nas formas como os trabalhadores sazonais são alojados e recrutados, se bem que agora venham de mais longe e, ao contrário dos cortadores de cana do passado, por vezes têm alguma educação secundária. No próximo capítulo, olhamos para as implicações destas mudanças e continuidades no bem-estar dos trabalhadores e das comunidades locais.

4. O Impacto Diferenciado da Expansão da Produção de Açúcar no Bem-estar

Introdução

Neste capítulo olhamos para as ligações entre as organizações de produção de açúcar em Xinavane e Magude e o bem-estar dos trabalhadores agrícolas e das comunidades em redor. Consideramos quatro principais áreas de impacto: (i) a relação entre melhoria material do bem-estar e crescimento do emprego e rendimento, (ii) acesso a alimentos e o *trade-off* entre aumento do rendimento do açúcar e redução do acesso à terra do vale para subsistência rural, (iii) a incidência de problemas de saúde relacionados com o trabalho nos campos de cana sacarina e (iv) a relação entre produção de açúcar e saúde ambiental, em particular a qualidade da terra, ar e água. Por enquanto não tentámos medir os impactos. Nem tentámos adivinhar impactos futuros. Estes dependerão em grande medida da resposta dos vários actores envolvidos no governo da produção de açúcar no Vale do Incomati. O nosso objectivo é identificar questões de governação que deveriam ser consideradas.

A relação entre melhoria do bem-estar material crescimento do emprego e rendimento

Até os críticos da AdX nesta área ficam relutantes em sugerir que quereriam voltar ao período anterior à Tongaat Hulett ter assumido a gestão do Incomati Estate. Todos reconhecem a importância que o aumento de emprego tem tido para o renascer da economia local. Alguns mencionaram especificamente o declínio do crime violento como um resultado positivo.

Crescimento do número de empregados

Os números do emprego para a AdX (ver Capítulo 3, Gráfico 2) mostram crescimento constante tanto para homens como para mulheres até 2007 quando estabilizou entre 8,000 e 10,000 trabalhadores, grande parte dos quais tem contratos permanentes. É difícil captar a importância deste crescimento nos dados comparativos do censo na área de captação Manhiça e Magude. Os censos de 1997 e 2007 mostram algum aumento do emprego permanente durante o período da expansão da AdX. A tabela 6 compara a proporção da população trabalhadora de 15 anos e mais empregada por uma empresa privada ou pública na principal área de captação para a AdX em 1997 e 2007.

Tabela 6: Emprego assalariado numa empresa privada ou pública, 1997 e 2007

Posto Administrativo	1997			2007		
	% total	% homens	% mulheres	% total	% homens	% mulheres
Xinavane	43.8	69.88	20.17	50.24	71.08	28.82
3 de Fevereiro	9.4	24.01	1.49	14.78	35.85	2.08
Ilha Josina Machel	6.38	17.69	1.1	17.2	39.58	3.96
Magude	14.82	30.47	4.07	15.16	25.71	5.73

Fonte: RGP 1997 e 2007

Em 1997 o impacto da guerra ainda se sentia e o Estado ainda era o maior proprietário de alguns empreendimentos. A plantação de cana-de-açúcar só estava operacional em Xinavane; a área que actualmente ocupa em Magude ainda era plantações de citrinos. Em 2007 não se cortava cana em Magude, mas as pessoas estavam empregadas na reparação e expansão da rede de irrigação e na preparação do campo para a plantação. Como expectável, a proporção de trabalhadores empregados pelas grandes companhias (incluindo tanto trabalho industrial como agrícola) é muito mais elevada no posto administrativo de Xinavane do que noutras áreas de recrutamento. O censo apenas regista um emprego principal por pessoa, pelo que a proporção da população masculina activa empregada nos empreendimentos parece muito mais elevada que a das mulheres, que são contratadas principalmente para tarefas sazonais e estão por isso registadas como pequenas agricultoras independentes. Existe crescimento na proporção empregada em todos os postos administrativos; o crescimento é especialmente substancial para os homens, excepto em Magude.

A tabela 7 discrimina o crescimento específico no emprego assalariado agrícola entre 1997 e 2007.

Tabela 7: Trabalho assalariado na agricultura, 1997 e 2007

Posto Administrativo	1997			2007		
	% total	% homens	% mulheres	% total	% homens	% mulheres
Xinavane	10.38	28.47	5.65	9.65	26.55	5.27
3 de Fevereiro	4.80	14.70	1.02	4.15	14.21	1.04
Ilha Josina Machel	1.78	5.71	0.40	2.45	7.92	0.72
Magude	4.59	12.95	1.18	5.72	10.46	3.44

Fonte: RGP 1997 e 2007

A proporção da população com trabalho assalariado regular na agricultura decresceu ligeiramente em Xinavane e 3 de Fevereiro, aumentando apenas ligeiramente em Magude e Ilha Josina. Esta aparente estagnação do trabalho assalariado agrícola explica-se parcialmente pelo facto de o censo não registar empregos múltiplos, e por conseguinte não captar bem o trabalho sazonal. Os cortadores de cana, que vêm de outras províncias para os seis meses da campanha da colheita, por exemplo, não se classificam como parte da mão-de-obra residente. A tabela *supra* pode também subestimar o envolvimento marginal das mulheres no trabalho assalariado agrícola.

O número de mulheres de 15 anos e mais nos quatro postos administrativos que constituem a área de captação para a AdX era de 22,243 em 2007 (RGP). A AdX nesse ano registou um número mediano de 637 mulheres trabalhadoras permanentes e 1247 trabalhadoras sazonais, o que significaria que cerca de 8 por cento de mulheres estavam empregadas pela AdX numa altura ou noutra. Este número ainda é baixo, particularmente se tivermos em consideração a relação entre os sexos fortemente distorcida em relação às mulheres, a elevada proporção de mulheres chefes de agregado familiar e a correspondente elevada dependência na compra de alimentos no distrito de Manhiça em geral.

Os números sobre o emprego da AdX indicam que a AdX empregou aproximadamente o mesmo número de trabalhadores desde 2007 (Ver Gráfico 2, Capítulo 3). A expansão para novas áreas não levou ao crescimento contínuo de emprego. Os aumentos de produtividade ligados às inovações tecnológicas levaram mesmo à redução de alguns empregos na agricultura, como de assistentes de irrigação que são menos precisos com o actual sistema de controlo da água por computador. Pode ser, no entanto, que o declínio relativo em trabalhadores sazonais (ver Gráfico 3, Capítulo 3) signifique um maior número de dias trabalhados e consequentemente maiores ganhos salariais para os trabalhadores permanentes. A AdX também terciariza algumas partes do processo de produção tais como construção e transporte de cana para servir os fornecedores que também contratam trabalhadores localmente.

A procura de trabalho assalariado, tanto por mulheres como por homens, é tão grande que há apoio genérico e apreciação por parte da AdX para relançar a produção em Xinavane e para expansão da mesma para Magude. O secretário do partido Frelimo em Magude, por exemplo, atribuiu o declínio da bandidagem e roubo de gado, que marcou o distrito no período do pós guerra, em parte ao aumento de emprego com a expansão da AdX. Em termos gerais, contudo, não deveremos esperar que a conversão de grandes áreas do Vale do Incomati para a produção irrigada leve a aumentos constantes no trabalho assalariado.

Aumento do rendimento monetário

Só podemos dar uma estimativa aproximada do montante do rendimento do salário que as propriedades canalizam para a economia local. A AdX não nos deu acesso aos dados da folha de pagamentos e não tentámos obtê-lo da Vamagogo, o outro grande empregador.

A informação sobre o número de trabalhadores em cada faixa de pagamento (ver Capítulo 3, Gráfico 4) dá-nos, contudo, uma base para algumas conclusões provisórias sobre o fluxo de rendimento de salários na economia local.

Para a maior parte dos trabalhadores agrícolas, quer permanentes quer sazonais, o emprego fornece na melhor hipótese um salário de subsistência ao longo do ano agrícola. Entre 72% e 87% dos trabalhadores da AdX auferiram salários na Faixa A, isto é eles ganharam um máximo de MT 3416 por mês (Relatórios mensais da AdX 2011-12). Dentro da Faixa A, a grande maioria dos trabalhadores agrícolas estão na categoria A1A que recebe um máximo de MT 2554 por mês. Nos meses de pico de recrutamento de Novembro a Janeiro cerca de 80% dos trabalhadores agrícolas sazonais estavam na banda A1A; no resto do ano cerca de dois terços estava na faixa A1A (*Ibid.*).

Além disso, é raro trabalhadores não qualificados receberam o salário máximo, mesmo quando estão classificados como trabalhadores permanentes. Como se referiu no Capítulo 3 vimos nas folhas de pagamento da AdX e Vamagogo que tanto os trabalhadores eventuais como os permanentes nem sempre conseguiam trabalhar o número total de dias por mês necessários para obter o máximo especificado na sua faixa (letra) e que por vezes trabalham e são pagos só por meia-tarefa. Para a maior parte dos trabalhadores sazonais, especialmente os da faixa A1A, a subsistência dos agregados familiares não pode depender totalmente do trabalho assalariado. A sua subsistência também depende da produção dos seus próprios alimentos ou noutras formas de trabalho não-agrícola.

Como descrito no Capítulo 3, os trabalhadores na maior parte das associações são geridos pela AdX; os salários e normas de trabalho são semelhantes. Os membros das associações, que estão formalmente a arrendar a terra à AdX, recebem um rendimento mensal relativo às suas quotas na associação, as suas colheitas de cana-de-açúcar, e os seus custos. Nas associações onde um número pequeno de membros possui um número relativamente grande de hectares, os rendimentos têm sido elevados. Isto tem sido um incentivo para outros pequenos proprietários solicitarem à AdX que arrende as suas terras também (por exemplo na Ilha Josina). Mas também tem sido a razão daqueles que já tiveram direito à terra dentro da área da associação pedirem para se tornar membros. Em 2009 algumas das associações tais como Maria da Luz Guebuza e Olhar de Esperança em Magude tinham 200 ou mais membros (Jelsma *et al* 2010) e a filiação tem continuado a aumentar. Nestes casos o rendimento obtido é muito menor, levando a reclamações sobre as deduções feitas pela AdX. Nestas associações, os maiores rendimentos são ganhos pelos funcionários uma vez que geralmente são também trabalhadores permanentes da AdX, ocupando cargos permanentes de supervisão.

Impacto diferenciado de salários e rendimento do açúcar na subsistência

O impacto do emprego e proventos na subsistência rural é muito diverso, reflectindo não só diferenças nos padrões de emprego mas também os recursos que as várias pessoas

têm para além dos seus empregos. A maioria dos cortadores de cana, por exemplo, são homens jovens, nos seus 20 ou início dos 30 anos e a maior parte são migrantes de outras regiões de Moçambique. Quase toda a gente está a tentar poupar para alguma coisa. Os projectos para que estão a fazer poupança são diferentes. N.M., 20, de Vilanculos gostaria de começar a construir uma casa e sonha voltar para a escola – terminou a 8ª classe. B.N., 30, de Morrumbene já trabalhou cinco anos na África do Sul. Espera ganhar o suficiente em Vamagogo para obter outro passaporte e regressar à África do Sul. J.L., da Zambézia, trabalhou na construção na África do Sul mas considera-se um machambeiro. Está a poupar para melhoria da machamba e quer manter os seus cinco filhos na escola. I.G., de Inharrime, apenas pensa concluir o seu contrato e ter algum dinheiro para levar para a sua família, a sua machamba e canoa de pesca; as condições de trabalho são mesmo muito difíceis para continuar em Vamagogo. A.C., também de Inharrime, está a fazer o seu 5º contrato, regressando regularmente à sua machamba; precisa de dinheiro para construir a sua casa e comprar coisas para a sua família. E.F., 25, de Macuze na Zambézia, tem a sua família e uma machamba boa que produz mandioca, arroz e coco, mas dela não consegue fazer dinheiro. Veio para Vamagogo por desespero.

O impacto da associação na subsistência é diferenciado em formas que reflectem as posições na associação e os recursos que já se tem. Para N., o presidente/supervisor de uma das associações em 3 de Fevereiro, o salário regular dá-lhe capital corrente para utilizar nos seus outros empreendimentos. Tem um forno de queimar tijolos onde emprega o seu filho e outros parentes, uma machamba de hortaliças onde as suas esposas e outras mulheres locais trabalham, um pequeno camião para transporte pessoal e de mercadorias. O rendimento anual que obtém da filiação na associação é substancial porque tinha mais terra e capacidade de influenciar o processo. Para H. o pagamento que recebe como membro é pequeno, mas significa a manutenção de um talhão de terra irrigável que utiliza para produção caseira de milho; não trabalha para a associação. L., recentemente separada do seu marido, veio ficar com a sua mãe em 3 de Fevereiro, esperando obter um emprego de escritório junto da AdX. Não tinha ligações para o obter mas tem esperança que o supervisor fique impressionado com a sua assiduidade e a ajude a obter um emprego permanente na fábrica. No que diz respeito à jovem viúva, S., ela gostaria de ter mais do que o contrato a curto prazo como mondadeira, especialmente por já não ter acesso a qualquer terra irrigável e a colheita ter falhado por falta de chuva e/ou inundações no seu talhão de sequeiro.

Efeitos multiplicadores no comércio e emprego

Dada a prevalência do salário de subsistência, não surpreende que os efeitos multiplicadores no comércio local sejam de alguma forma limitados. Gerentes de loja entrevistados em Xinavane e Magude falaram dos seus 'negócios de fim do mês'. Quando os trabalhadores recebiam vinham comprar as suas rações mensais, e mais alguns artigos de consumo. As lojas competiam com os vendedores de rua que afluíam à cidade com alimentos básicos,

bebidas, roupas usadas e sapatos, frutas e vegetais e alguns artigos mais caros como telefones celulares, mas desapareciam das ruas na segunda semana do mês. A maioria das lojas tinha, no entanto, grandes secções de ferramentas e materiais de construção. Os seus clientes principais eram os trabalhadores especializados e técnicos, em especial os que trabalhavam na fábrica.

Nas áreas rurais, onde os trabalhadores habitavam, verificavam-se também benefícios no comércio local. A Manhica tem desde há muito uma indústria artesanal de cerâmica. Existem actualmente fornos para queimar tijolos espalhados pela paisagem (ver foto, Apêndice B) os tijolos vendem-se a clientes locais e a construtores da cidade. As casas de tijolo estão gradualmente a expulsar as mais antigas casas circulares com paredes de caniço. Os proprietários dos fornos são muitas vezes trabalhadores qualificados ou mais bem pagos que empregam mão-de-obra familiar mas também contratam à jorna mão-de-obra local. Alguns também possuem talhões irrigados e utilizam os seus salários regulares como capital de giro na agricultura comercial, contratando trabalhadores à jorna para a produção hortícola, a maior parte dos seus produtos a ser vendidos no mercado do Maputo.

Especialmente nas áreas próximas dos acampamentos, onde os trabalhadores migrantes, principalmente os cortadores de cana, se alojam (por exemplo Taninga, Timanguene), os residentes locais montam barracas onde vendem cerveja caseira, cigarros e álcool destilado localmente tanto a migrantes que regressam como aos trabalhadores da plantação. Algumas mulheres preparam e vendem cervejas locais e há um pequeno comércio da marijuana, utilizada por alguns cortadores de cana para acompanhar o ritmo e intensidade do trabalho. O arroz vendido é principalmente arroz *Thai* importado; alguma da farinha de milho vem do centro e do Norte de Moçambique mas muita dela é importada da África do Sul. As nossas conclusões aqui poderão retratar a repetição de anos de seca e colheitas pobres nos talhões de sequeiro na área de Xinavane. Na amostragem usada pelo recente Inquérito de Indicadores Múltiplos (MICS), uma grande proporção de mulheres descreveu o seu trabalho principal como vendedora ou prestadora de serviços em vez de agricultora (MICS 2009).

As nossas entrevistas com funcionários dos bancos nas vilas de Manhica, Xinavane e Magude confirmaram o limitado impacto multiplicador do rendimento proveniente do trabalho assalariado. Alguns trabalhadores do campo abriram contas bancárias pessoais e estão entusiasmados por serem pagos com cheque como os trabalhadores da fábrica. Sugerem que isto os protege contra descontos injustificáveis nos seus salários. Mas os pedidos de empréstimos vêm principalmente do pessoal mais bem pago e qualificado, geralmente para construção ou reparação da casa. Uma das associações de produtores contratados em Magude, contudo, contraiu um empréstimo junto de um banco de micro-crédito, utilizando-o para disponibilizar empréstimos não garantidos aos seus membros.

Segurança alimentar: o *trade-off* entre o rendimento do açúcar e o acesso restrito a terra irrigável

Rendimento do açúcar como contributo essencial para o consumo de alimentos dos trabalhadores e suas famílias

O nível de subsistência do salário e rendimento auferido do açúcar refere-se ao salário real, o que o dinheiro pode comprar. Na nossa pesquisa informal dos preços de alimentos básicos nas lojas e nas ruas de Xinavane e Magude, os preços eram aproximadamente os mesmos que na cidade do Maputo. Para alimentos básicos como o milho estes são cerca de duas vezes mais altos no Sul de Moçambique do que no resto do país, reflectindo tanto o seu mais elevado nível de urbanização como as colheitas irregulares associadas à produção de sequeiro nesta zona semi-árida. Os agregados familiares rurais na Província do Maputo no seu todo estão mais dependentes do mercado para obter alimentos para consumo do que em qualquer outra província: só 20% vem de produção própria (UNWFP 2010: 60). O resto vem da compra (62%), ofertas e outras transferências (14%) e trabalho eventual (4%) (*ibid.*).

Deve-se ter cautela com estes dados. A pesquisa baseou-se na recordação dos chefes de agregado familiar e foi empreendida no final de Agosto ou início de Setembro quando os stocks da produção própria estão provavelmente esgotados. Os alimentos básicos são o foco principal dos resultados reportados, deixando de lado vegetais e fruta que contribuem para a dieta. As áreas rurais da província de Maputo incluem zonas que são actualmente subúrbios residenciais mistos do grande conglomerado urbano de Maputo Cidade, onde a agricultura familiar é marginal. No entanto, a importância dos alimentos comprados na província de Maputo parece clara.

Não tentámos levar a cabo uma pesquisa estatisticamente representativa dos agregados familiares, mas inquirimos tanto os trabalhadores da plantação como as mulheres em agregados sem empregos ou rendimento proveniente do açúcar, sobre os alimentos que tinham comido na semana anterior e como os haviam obtido. Inquirimos os agregados em Julho quando os stocks da última colheita estão baixos. O ano agrícola 2011-12 tinha sido pobre para os agricultores de sequeiro; às chuvas torrenciais tardias seguiu-se um período longo de seca. Um número reduzido de agregados conseguiu misturar os seus próprios stocks de milho com farinha comprada e fazer *nshima* mas a maior parte dependia da compra de alimentos básicos. Alguns pescavam no Incomati; mas outros compraram peixe seco e/ou carne uma ou duas vezes por semana. Complementavam o seu stock mínimo de alimentos básicos comprados de formas diversas. Alguns (incluindo os cortadores de cana) procuravam pelos campos das redondezas vegetais de folha verde e mulheres e crianças faziam tarefas para parentes e vizinhos em troca de comida. Um agregado fortemente dependente das remessas de um trabalhador migrante na Cidade do Cabo, por exemplo, estava a fazer uma refeição de cabeças de peixe, que a filha mais velha havia recebido em troca de ter ajudado um vizinho a limpar o pescado. Mulheres que tinham trabalhado para

a AdX, mas que lhes tinham recusado um segundo contrato, disseram-nos que precisavam de trabalhar para alimentar os seus filhos e mandá-los para a escola.

Ênfase no nível de subsistência do salário e rendimento da produção de açúcar para a maioria dos agregados rurais, não implica pois que o rendimento do trabalho na plantação não seja importante para os agregados rurais da região. O director distrital de saúde da Manhiça disse-nos que a nutrição infantil havia melhorado tanto recentemente que estavam a pensar parar os programas de alimentação escolar. Dada a importância central da alimentação na saúde, não é surpreendente que tantas pessoas em Xinavane e Magude associassem o renascer da indústria local do açúcar à melhoria do bem-estar.

A importância do acesso à terra no Vale do Incomati na subsistência rural

Contudo, apesar da dependência clara de alimentos comprados e em consequência o acesso a rendimento monetário, é de notar que mais do que metade de todas as pessoas com 15 anos ou mais na área de Xinavane estavam classificadas como trabalhadores agrícolas independentes. Como mostra a Tabela 8, a proporção é muito mais elevada para as mulheres e é claro mais baixa na localidade que inclui a vila de Xinavane.

Tabela 8: Percentagem da população 15 anos e mais trabalhando como conta própria sem empregados na agricultura

Posto Administrativo	% Total	% Homens	% Mulheres
Xinavane	29.81	9.39	50.79
3 de Fevereiro	67.59	36.93	86.07
Ilha Josina Machel	66.29	37.48	83.33
Magude	48.34	27.77	66.73
Total	52.89	26.41	73.22

Fonte: RGP 2007

Em relação à plantação vizinha, Maragra, que é titular de menos terra no vale do que a AdX, e que por isso tem dependido mais de produtores integrados a cultivarem a sua própria terra, a UNAC fez apelo à salvaguarda da produção de alimentos dos pequenos produtores familiares. Exorta-os a não converter a sua terra irrigável ao açúcar, mas para reconhecerem a importância da auto-suficiência alimentar. Chama a atenção para a vulnerabilidade dos pequenos agricultores no confronto com os caprichos dos mercados internacionais de produtos alimentares e preços de açúcar dependentes de esquemas preferenciais da União Europeia. O sucesso limitado deste apelo na área de Xinavane relaciona-se com a diversidade de padrões de acesso e utilização da terra do vale.

As pessoas que entrevistámos incluíram muitas que tinham pequenos talhões de sequeiro e nem possuíam nem podiam alugar as charruas e juntas de bois necessárias para arar a terra no Vale do Incomati. Outros eram membros de associações que haviam mantido pequenas áreas irrigáveis de reserva para o cultivo do milho, mandioca e vegetais, principalmente para consumo próprio. Um presidente duma associação tinha dois grandes terrenos no vale onde produzia milho e vegetais para venda. Falámos com alguns que disseram que já tinham cultivado a terra abandonada durante a guerra pela Incomati Estates, mas haviam sido expulsos. Também falamos com agricultores que estavam a cultivar alimentos básicos para consumo próprio e vegetais como cultura de rendimento mas que queriam negociar um acordo de arrendamento com a AdX. Pensavam que a cana-de-açúcar lhes daria um rendimento maior e mais seguro.

Há diferenças entre Magude, Ilha Josina e o resto da área de Xinavane nos direitos à terra e nas suas relações com a AdX. Em Magude, a AdX ocupou terra deixada ao abandono pelas propriedades de citrinos durante a guerra. Alguns pequenos proprietários tinham tido direitos de posse sobre esta terra nos termos da Lei da Terra e outros tinham direitos de longo prazo como membros do estabelecimento da Missão Suíça (Gegenbach 2000). A Ilha Josina nunca foi ocupada pelos Incomati Estates. O estatuto formal incerto das reivindicações à terra historicamente controlada, mas não cultivada pelos Incomati Estates, subjaz nos conflitos dentro das associações e entre associações e aqueles que não foram aceites como membros tanto em Xinavane como em Magude.

A consolidação da titularidade das terras da AdX ao longo do Incomati tem implicações no acesso à terra e água noutros aspectos da subsistência na área de Xinavane. Em Magude, o acesso ao rio para aguada do gado e pastagem na estação seca, tem por vezes levado a conflitos entre a AdX e os criadores de gado. Em 1981, apenas cerca de 10% dos agregados em Manhiça, mas mais de 50% dos agregados em Magude, eram proprietários de gado. Manadas foram dizimadas durante a guerra, mas estão a recuperar e são uma importante fonte de rendimento bem como de investimento em Magude. Incursão 'acidental' de gado nos canaviais à noite, em Timanguene, obrigou a companhia a contratar guardas para proteger o perímetro. As mulheres utilizam a várzea para cortar caniços que são tecidos em esteiras pelos homens para venda. No rio, pesca-se para subsistência e venda, com as capturas afectadas pela escorrência química da produção de açúcar⁸.

8 A utilização de redes mosquiteiras tratadas com insecticida para a pesca contribui para a poluição da água.

A incidência de problemas de saúde relacionados com o trabalho nos canaviais

A produção irrigada de açúcar não leva necessariamente ao aumento de problemas de saúde, quer para os trabalhadores quer para as comunidades em redor. Nalguns casos, a forma como a produção está organizada pode na realidade levar à melhoria das condições de saúde. Existem, contudo, algumas questões de saúde tipicamente associadas com plantações de açúcar que é necessário considerar. O nosso objectivo nesta secção não é tirar conclusões firmes mas, como se explicou na introdução, identificar assuntos que merecem a atenção tanto das direcções das plantações como daqueles ligados à promoção do bem-estar dos trabalhadores e das comunidades onde vivem.

Gestão da malária: o problema da reinfeção

A prevenção da malária tem três aspectos: (i) eliminação do parasita de águas estagnadas, (ii) eliminação do mosquito vector e (iii) redução da infecção na população (Packard 2007). O director da AdX, Rosário Cumbi, queixou-se-nos que muitas das críticas à plantação assumiam de forma não rigorosa que a água estagnada no sistema de irrigação era uma das causas principais da alta incidência de malária na área de Xinavane. Chamou a atenção para a eficácia do sistema de bombagem da AdX, que mantinha de facto a água dos canais em movimento, o que limitava a reprodução dos vectores da bilharziose e da malária. Com efeito, o único local onde encontrámos preocupação com a bilharziose entre as autoridades de saúde foi fora da zona de produção de açúcar em Motaze, Magude, onde se dizia que jovens pastores a teriam contraído por terem tomado banho em poças de águas estagnadas. Em relação à malária, a plantação da AdX também tem uma equipa de 23 trabalhadores que levam a cabo programas de pulverização regulares nos alojamentos dos trabalhadores e nos campos e participam três vezes por ano nas campanhas de pulverização da Direcção Distrital de Saúde em Xinavane (entrevista com Sancho Cumbi da AdX). Existem, contudo, problemas de coordenação dos programas de pulverização entre a AdX e as autoridades distritais de Magude.

Para a malária, porém, a questão da prevenção estende-se para além das fronteiras das propriedades. Aqueles que trabalham nos canaviais incluem cortadores de cana migrantes alojados em acampamentos nas empresas e aqueles que residem localmente em Xinavane, 3 de Fevereiro e Magude. O mosquito *anopheles* não infecta os trabalhadores nos campos durante o dia mas sim depois de anoitecer nos seus acampamentos, casas e comunidades.

Investigadores ligados ao CISM na Vila de Manhiça fizeram investigação extensa sobre a incidência da malária infantil e adulta numa secção do distrito de Manhiça que inclui parte da área de captação da AdX na localidade de 3 de Fevereiro. Mayor *et al* (2007: 5) concluiu que na estação seca quase metade dos adultos estavam infectados pela *P. falciparum* e

sugeriu com base noutros estudos que a prevalência cumulativa de portadores do parasita adulto ao longo do ano é provavelmente perto de 100%, devido quer à natureza crónica das infecções da malária quer a frequentes reinfecções. Descobriram também que muitos dos adultos infectados não apresentavam altas febres sintomáticas; a imunidade adulta acumulada restringe a malária a um curso sub-clínico. Concluem que: 'Deveria formular-se uma definição mais sensível da malária em adultos, considerando outros sintomas como diarreia, tremuras e dores de cabeça, combinados com a presença de parasitemia'. Os cortadores de cana que entrevistámos em Vamagogo, de facto queixavam-se mais destes padecimentos, talvez negligenciados uma vez que podiam resultar de insolação ou exaustão bem como de malária sub-clínica.

Reduzir a frequência da reinfecção na área alargada de recrutamento é portanto crucial para a prevenção da malária na população adulta da Manhica em geral e entre os trabalhadores do açúcar em particular (e consequentemente para a produtividade da mão-de-obra). O foco corrente da prevenção na província do Maputo é a exposição ao vector – o mosquito anopheles, através da pulverização e distribuição de redes tratadas para as camas. Como se referiu anteriormente, há comunicação e alguma colaboração da AdX nos programas da área imediata de Xinavane, apesar de não estar institucionalizada nas novas áreas abertas em Magude. Vamagogo não tem programas comunitários. Isto deixa duas frentes abertas para a prevenção: (i) reprodução de parasitas e vector nas áreas de drenagem que se encontram fora dos limites das propriedades e (ii) a redução da reinfecção (e transmissão) entre os cortadores de cana recrutados sazonalmente que vêm todos os anos de áreas fora dos programas de controlo.

Acidentes relacionados com o trabalho e condições crónicas

Os acidentes nos campos são frequentes, na maior parte menores, muitas vezes resultado da pressa ou cansaço e por vezes preveníveis: membros cortados pela faca da cana ou cortados pelas folhas afiadas das plantas de cana, mordeduras de cobras, entorses devido a movimentação de equipamentos ou cargas pesadas, queimaduras, irritações químicas dos olhos e pele. Os cortadores de cana queixaram-se principalmente de dores de costas crónicas e dores de cabeça. Tanto a AdX como a Vamagogo reconhecem que os trabalhadores agrícolas necessitam de equipamento de protecção. A AdX fornece a todos os seus trabalhadores uniformes protectores para as diferentes tarefas. Ambas as companhias têm intervalos obrigatórios para permitir que os trabalhadores descansem ou comam. Ao nível do campo, no entanto, a direcção não monitoriza de perto a utilização do equipamento protector ou as rotinas de descanso. A sua preocupação principal, tal como a dos trabalhadores, é terminar depressa as tarefas, o que por vezes resulta em acidentes, principalmente daqueles que têm menos resistência ou menos habilidade.

Exaustão, desidratação e fome

Os directores de ambas propriedades estão conscientes da importância da resistência dos trabalhadores uma vez que é um aspecto da produtividade da mão-de-obra. Absentismo e dificuldade em terminar as tarefas são razões para a não promoção de trabalhadores do campo a contratos permanentes. Ao todo, contudo, as companhias esperam que os trabalhadores organizem eles próprios a 'reprodução da sua força de trabalho'. O dia de trabalho inicia-se quando está escuro. Os cortadores de cana são transportados em camião para o campo cuja colheita têm que fazer e a companhia envia camiões para os pontos de reunião nalgumas localidades para apanhar os trabalhadores do campo. Outros chegam, porém, a pé, por vezes andam duas horas ainda antes de iniciarem a sua tarefa do dia, ou de táxi (*combi* ou carrinha de caixa aberta).

Então os trabalhadores do campo levantam-se cedo. As mulheres muitas vezes saem ainda antes dos seus filhos terem acordado, por vezes comendo os restos do dia anterior, e por vezes sem comer coisa alguma. As mulheres não trazem os filhos que amamentam para os campos. Não há local seguro para os deixar e as afiadas folhas de cana iriam magoá-los se carregassem os filhos nas costas. Nenhuma das companhias fornece uma refeição aos trabalhadores agrícolas, apesar da Vamagogo oferecer um suplemento energético – Morvit – aos cortadores de cana. Todos os trabalhadores agrícolas da AdX recebem uma garrafa plástica com capacidade para dois litros de água na indução. É suposto trazerem a água para beber de casa para o campo ou, no caso dos cortadores de cana migrantes, dos seus acampamentos. Na estação quente a companhias disponibiliza contentores com água potável nos campos.

Regulações laborais, reconhecidas por ambas companhias, exigem intervalos para descanso. Trabalhadores com empregos qualificados recebem um salário mensal por um número fixo de horas de trabalho e usualmente têm intervalos obrigatórios e geralmente trazem comida para comer. Aqueles que trabalham numa jorna à tarefa, como os cortadores de cana e mondadores, ficam relutantes em tirar o intervalo obrigatório. Partem cedo para os campos, nem sempre têm comida para levar com eles e racionam a água que trazem de casa. Estão ansiosos por completar a tarefa e partir, para voltar para casa, para se lavarem, preparem a refeição principal e cuidar dos seus filhos. Não obstante, as mulheres mondadoras esperam umas pelas outras porque é mais seguro e agradável para elas voltar para casa juntas em grupos.

Uso irregular de equipamento protector

Tanto a AdX como a Vamagogo distribuem equipamento protector aos cortadores de cana. Os cortadores calçam botas e usam calças mas muitas vezes deixam de lado os óculos, luvas e bata, argumentando que interferem com a sua capacidade de balançar a faca com rapidez e precisão. Velocidade é importante porque o pagamento da jorna depende de terminar a tarefa atribuída; puxam uns pelos outros para terminar depressa e regressar ao

acampamento. O uniforme da Vamagogo é preto mas na AdX (como noutras plantações Tongaat Hulett na África do Sul) o uniforme dos cortadores de cana é branco, rapidamente sujo pela cana queimada, outra razão dada para não o usar. Aqueles que fazem a pulverização manual têm e geralmente usam máscaras, luvas e botas. Os trabalhadores, muitos delas mulheres locais, que mondaram, limpam os campos depois do corte e plantam nova cana, usam as suas batas e botas se as tiverem.

Prevenção de acidentes na estrada

Um segundo tipo de acidente frequente, relacionado com o trabalho, é ser-se atingido por um veículo na estrada, um problema para os trabalhadores da AdX e agregados da vizinhança. A densidade de tráfico é particularmente elevada de manhã cedo quando os camiões da AdX e da Vamagogo se apressam para levar as cargas de cana à fábrica para processamento e quando os *chapas* levam os trabalhadores aos seus empregos. Nos meses do Inverno ainda está escuro e é difícil ver coisas na estrada. Alguns trabalhadores deslocam-se em bicicleta. Outros por sua vez vão a pé ao longo das estradas, como fazem as crianças quando vão para a escola, ou os comerciantes a irem para os mercados, ou pessoas que vão ao hospital em Xinavane. Devido à elevada incidência de acidentes, há poucos anos, a AdX começou a colocar faixas de fita fluorescente nos uniformes. Estas são eficazes e os uniformes foram passados para muitos habitantes da região que não são trabalhadores da AdX. Não obstante, a velocidade dos camiões que se inclinam nas curvas e dos chapas nas estradas estreitas continua a apresentar riscos a ciclistas e a peões.

Para os acidentes menores, a Vamagogo tem um membro do pessoal de prevenção, com formação em primeiros socorros. A AdX tem uma muito maior capacidade para responder a acidentes de trabalho. Nos canaviais da AdX existem socorristas - trabalhadores da AdX, que exercem outras actividades na companhia.

Condições sanitárias e propagação de doenças infecciosas

As condições sanitárias expõem os trabalhadores a infecções intestinais e parasitas. Não há instalações sanitárias nos campos. Foi-nos dito por trabalhadores e gestores que não há uma sanita mais limpa ou com mais privacidade que um local nos altos canaviais. Isto não é nem conveniente nem seguro para as mulheres. Os canaviais altos são um local onde as mulheres ficam vulneráveis a assaltos se forem sozinhas. A lavagem das mãos, se for feita, é num canal de irrigação ou na torneira numa estação de bombagem. Os trabalhadores por vezes vão buscar água para beber nas estações de bombagem ou até nos canais de irrigação.

As condições sanitárias nos acampamentos constituem outro ponto de vulnerabilidade. Têm água, electricidade e latrinas, mas a densidade da habitação torna o saneamento um problema. Durante algum tempo a AdX contratou gestão externa para o acampamento,

mas após uma onda de mortes por cólera, reincorporaram-na na gestão central. O acampamento em Vamagogo pertencente à AdX foi remodelado, fizeram-se janelas nas paredes e instalaram-se instalações sanitárias melhoradas. O acampamento de Timanguene é novo, mas os cortadores de cana queixam-se-nos de estar sobrelotado, da intensidade da utilização das latrinas e problemas de manutenção. Os trabalhadores têm o cuidado de tomar banho quando regressam dos campos para se livrarem do pó, que eles sabem contém químicos e irrita a pele, e vestem roupas limpas se as tiverem.

Saúde sexual

Ambas plantações, AdX e Vamagogo contratam cortadores de cana migrantes que vêm com contratos de seis meses e vivem nos acampamentos. Se bem que alguns vivam nas comunidades locais e tenham estabelecido famílias, a maioria dos outros são homens solteiros ou homens cujas esposas ficaram em casa, muitas vezes na Zambézia, Tete ou Sofala bem como nas províncias vizinhas de Gaza e Inhambane. As esposas ocasionalmente vêm de visita, por vezes combinada com comércio, mas a maioria dos homens estabelece relações sexuais ocasionais com mulheres locais, que conhecem no trabalho ou nas barracas que vendem álcool e tocam música. Em Taninga, algumas das mulheres mais novas tomam a iniciativa de no fim do mês, quando os trabalhadores foram pagos, irem encontrar-se com os homens no acampamento.

HIV/SIDA

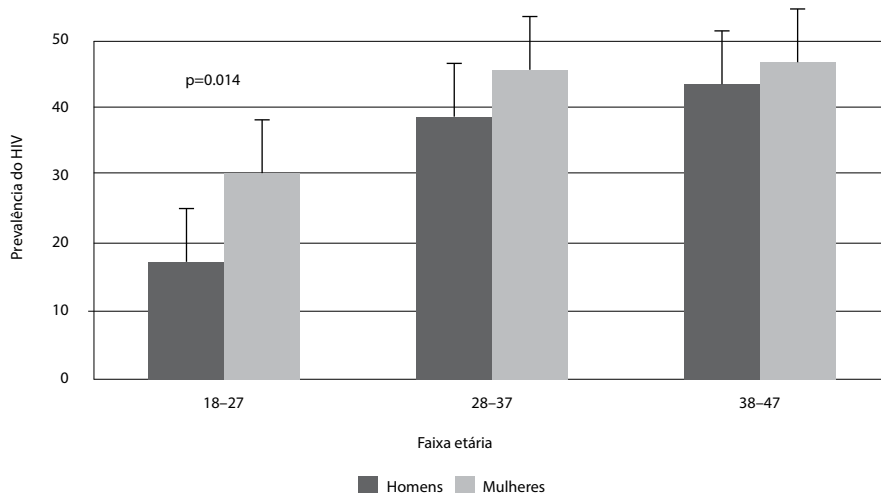
Neste encontros sexuais ocasionais, existe elevado risco de se contraírem DSTs, e com maior gravidade, o HIV/SIDA. A direcção da transmissão vai em ambos sentidos. Manhiça e Magude têm longas histórias de emigração e ambas têm uma elevada incidência de HIV.

O CISM fez recentemente um estudo sobre a prevalência na sua área de vigilância demográfica no distrito de Manhiça (González *et al* 2012). Encontraram uma taxa global de prevalência de 39,9% na população com 18 anos ou mais. Para as mulheres a prevalência global era mais elevada, 43,1%. A Tabela *infra*, reproduzida deste estudo, mostra que a prevalência é mais baixa no grupo entre os 18-27 anos, apesar de mesmo assim a taxa para as mulheres ser muito elevada. HIV/SIDA é uma questão de preocupação para os trabalhadores da plantação e para a população mais geral nesta área.

A abordagem actual ao HIV/SIDA em Moçambique continua a enfatizar o acesso à informação sobre o HIV/SIDA e a distribuição de preservativos, mas também há amplo fornecimento de anti-retrovirais (TARV) ao nível dos postos de saúde nas áreas altamente afectadas, incluindo Manhiça e Magude.

Vamagogo não tem um programa específico de HIV. O director disse-nos que este era considerado um problema do foro pessoal em que a companhia não devia se intrometer.

Gráfico 5: Sexo e Idade específica da prevalência do HIV, área CISM-DSS, Manhica 2010



Fonte: González et al, 2012: 68.

A AdX tem um programa activo de prevenção do HIV/SIDA em Xinavane, ligado às instalações de saúde e organizações da SIDA locais. O seu foco é informativo não clínico, apesar de estar envolvido em testes e aconselhamento e ocasionalmente intervir na prática. Ao fazer uma sessão de informação no acampamento em Timanguene, por exemplo, foi dito pelos cortadores de cana ao director do programa, que gostariam de utilizar preservativos, mas que não estavam disponíveis localmente. Ele sabia que havia uma falta de preservativos de longo prazo em Manhica e Magude, e foi ao Maputo para arranjar quatro caixas grandes para distribuir. As mulheres trabalhadoras da AdX em 3 de Fevereiro estavam a comprar preservativos localmente a 10 MT cada. Os trabalhadores que testam HIV positivo são encaminhados para o Posto de Saúde de Xinavane (no terreno do hospital) para inscrição num programa TARV.

Violência sexual e abuso de mulheres e crianças

Uma recente reportagem do *Notícias*⁹, citada por Maria Adozinda de Almeida da Associação das Mulheres Desfavorecidas na Indústria do Açucareira, dizia haver muito elevadas taxas

9 <http://noticiasmocambique.blogs.sapo.mz/2012/11/?page=2>, Segunda-feira, 19 de Novembro de 2012.
<http://www.canalmoz.co.mz/1o-pagina/494-edicao-de-19-de-novembro-de-2012/23998-distrito-de-manhica-regista-mais-de-mil-casos-de-violacao-de-mulheres-e-criancas.html>
<http://noticiasmocambique.blogs.sapo.mz/93446.html>

de violações e abuso de mulheres e crianças nas localidades em redor das duas plantações do açúcar, Xinavane e Maragra. Esta questão veio ao de cima nas nossas entrevistas com mulheres trabalhadoras; os canaviais foram descritos como locais perigosos. Mencionámos previamente vários pontos de vulnerabilidade para as mulheres na organização do trabalho e no alojamento: a falta de instalações sanitárias para além dos próprios canaviais, longas caminhadas para o trabalho no escuro, utilização de álcool e drogas e a solidão da vida no acampamento. A Sr^a. de Almeida atribuiu o problema à presença de trabalhadores migrantes sazonais, mas a polícia local culpa a grande venda e consumo de álcool.

Saúde Ambiental

Ar saudável

Os habitantes de Xinavane estão habituados a viver com a produção de cana e não se queixam do cheiro enjoativo e do fumo do engenho. Visto que os canaviais fazem fronteira directa com áreas de habitação em Xinavane, os ventos da época seca transportam pó para as comunidades provocando conjuntivites e irritações de pele. A pulverização aérea da cana madura, para parar a continuação do crescimento antes do corte, por vezes falha o alvo e provoca danos noutras plantas e pequenos animais.

A queima da cana é uma prática do cultivo com consequências ambientais de longo prazo. Os campos são queimados mesmo antes da colheita para facilitar o corte, desobstruindo o campo de cobras e carraças e descascando as folhas afiadas das hastes (Ver foto, Apêndice B). A queima também permite à direcção controlar a altura do conteúdo óptimo de açúcar a corresponder à capacidade do engenho. Trabalhadores e direcção estão assim unidos em torno da queima da cana. Quando a cana está queimada, o vento levanta nuvens de cinza que chovem como detritos ao longo de grandes distâncias. Há investigação substancial no Brasil sobre a relação entre a queima da cana e problemas respiratórios, especialmente ataques de asma, nas zonas próximas (Arbex *et al.* 2007; Cançado *et al.* 2006; Nicolella & Belluzo 2011).

Fertilidade do solo

Apesar da queima estar associada a grandes colheitas no curto prazo, leva à exaustão do solo no longo prazo (Davies 1998; Mahadevan 2009). Também há limites na quantidade do fertilizante e insecticida que os solos podem absorver sem danos. Cultivo contínuo ao longo da maior parte do século 20 em Xinavane está em parte a conduzir a expansão da AdX para novas áreas. Há culturas experimentais que filtram os químicos nocivos dos solos mas, de acordo com o director da Vamagogo, há limites quanto aos resultados que alcançam.

Gestão dos recursos de água

A província do Maputo é uma zona de queda de chuva incerta e irregular, não adaptada à cultura de sequeiro da cana-de-açúcar. O que torna possível a cultura do açúcar em Xinavane e Magude são as águas do Rio Incomati. As elevadas exigências de água da cana enquanto cultura e a expansão contínua do açúcar e outras culturas de regadio ao longo do vale do Incomati levantam grandes questões regionais de disponibilidade da água a médio e longo prazo para consumo agrícola, industrial e doméstico a Moçambique, África do Sul e Suazilândia (cf. Carmo Vaz and van der Zaag 2003, Lorentzen 2009). Na estação seca, já se verifica escassez de água periódica. Muitos dos poços escavados para fornecimento de água potável às comunidades, estão secos ou produzem água salgada não potável.

Existem, contudo, outras questões da água. A poluição da água, para consumo privado e a sobrevivência da pesca nas comunidades ao longo da zona de drenagem do Incomati, é uma área de preocupação. Escorrências químicas são muito elevada devido à dependência dos fertilizantes, insecticidas e herbicidas (ou agentes inibidores do crescimento) das técnicas actuais da produção de cana.

O controlo das cheias também é uma questão da água. As plantações do açúcar confiam nas represas para impedir que os campos de cana sejam inundados. (Ogtrop *et al* 2005) referem, contudo, que no passado sistemas mais naturais de controlo das cheias à volta de Magude – incluindo planícies de aluvião, um canal assoreado e um canal a direccionar a água para o Lago Chuali – abrandavam o movimento da água e atenuavam as cheias. A represa da Maragra também cria um efeito de retardação. Ao fazê-lo cria problemas de inundações nas comunidades a montante (*Ibid.*: 608). As autoridades na Ilha Josina tomaram as recentes cheias como sinal de que não há problema de disponibilidade de água no Vale do Incomati. É uma conclusão inexacta.

Conclusão

A direcção da AdX tem orgulho na sua função dinamizadora na área de Xinavane. A recuperação e expansão do açúcar levou ao aumento de emprego não só de trabalhadores agrícolas mas também no engenho, construção e transporte. Melhorou as estradas rurais e construiu escolas e postos de saúde na área da sua operação. Porém, se considerarmos as quatro áreas de impacto discutidas neste capítulo, há fortes razões para questionar se a expansão e consolidação da produção da monocultura de cana no Vale do Incomati pode continuar a trazer melhorias rápidas no bem-estar dos trabalhadores e nos agregados familiares nestas comunidades rurais.

A relação entre a melhoria do bem-estar material e crescimento do emprego e rendimento

O número de empregos criados com a expansão parece ter estabilizado à volta de 10,000. Para ser competitiva, a AdX terá que melhorar a produtividade da sua mão-de-obra, pelo que o número de empregos no núcleo da produção de cana não parece provável aumentar. Apesar de haver empregos ligados à construção e transporte, a agro-indústria não conseguiu até agora um efeito multiplicador no emprego novo. Além disso, a maioria dos trabalhadores agrícolas está concentrada na mais baixa faixa de salários, onde continua a registar-se variação sazonal no recrutamento. Dado o preço dos bens de consumo, principalmente dos alimentos, o seu salário real é um salário de subsistência, e não um que lhes permita investir para melhorar a sua base de subsistência. Essa base de subsistência está presentemente muito vulnerável a qualquer movimento internacional adverso de preços, não só do açúcar e etanol mas também à subida de preços no mercado dos cereais, uma vez que grande parte do arroz e da farinha de milho consumida nesta região é importada.

O trade-off entre aumento do rendimento do açúcar e acesso reduzido a terra irrigável para a subsistência rural

A produção de açúcar pode empregar apenas uma pequena fracção dos que procuram trabalho na região de Xinavane. Os salários auferidos são claramente diferenciados entre trabalhadores qualificados nas faixas das letras superiores e a maioria da força de trabalho agrícola que é paga à base da tarefa, podendo não conseguir alcançar a quota total de dias de trabalho por mês, e tem muitas vezes um contrato sazonal. O rendimento nas associações de pequenos proprietários é também altamente diferenciado. O rendimento do açúcar é portanto apenas uma componente de uma gama de actividades de subsistência que permitem aos agregados sobreviver. Historicamente, os agregados desta área dependeram da combinação de empregos no açúcar com actividades que se têm tornado crescentemente precárias ao longo do tempo: o trabalho migrante na cidade do Maputo e principalmente na África do Sul, cultivo de sequeiro, pesca, corte de caniço, fabrico de tijolos e olaria e comércio. Os mais prósperos também tinham manadas e acesso aos talhões irrigados do vale para cultivo dos próprios alimentos e para cultura de rendimento de frutas e vegetais. A transformação do Vale do Incomati numa área de produção de monocultura da cana destrói a base de muitas destas actividades de subsistência, sem providenciar uma fonte alternativa de emprego.

A incidência de problemas de saúde relacionados com o trabalho nos campos de cana

A AdX e a Vamagogo modernizaram a infra-estrutura de irrigação, mecanizaram várias tarefas e introduziram processos químicos tais como o uso de herbicidas para substituir

a monda precoce e pulverização aérea de agentes de maturação. Contudo, relativamente às pessoas que não às máquinas, trabalho e recrutamento não mudaram assim tanto na produção de açúcar.

As rotinas de trabalho envolvem um certo nível de acidentes e erros com implicações na saúde dos trabalhadores e a longo prazo na qualidade do ar, água e solo. O corte de cana, a monda da cana madura e a nova plantação são feitos manualmente. É providenciado algum equipamento protector, mas os trabalhadores não o usam sempre. A maior parte do trabalho agrícola é paga com base na tarefa, incentivando os trabalhadores a despachar a tarefa o mais depressa possível. Supervisores movimentam-se em alta velocidade ao longo das estradas, gritando aos camionistas para acelerarem e escolherem rotas que irão levar as suas cargas de cana para o engenho o mais rápido possível.

Apesar da modernização técnica da produção, recrutamento e alojamento de trabalhadores segue em grande parte padrões estabelecidos há mais de um século. Os cortadores de cana, principalmente homens e a maior parte de fora do distrito, vêm em contratos de seis meses e são alojados em acampamentos rudimentares, com ligações sociais limitadas às comunidades próximas. Outros trabalhadores agrícolas, quer sazonais quer permanentes, vivem em comunidades rurais remotas, muitos são mulheres, deixam as suas casas quando ainda está escuro e as crianças ainda não acordaram, para se dirigirem ao ponto de recolha da AdX ou para ir directamente para o campo, onde podem ou não encontrar um dia completo de trabalho. Para as mulheres esta jornada e o trabalho em si podem ser perigosos. O sistema de acampamento em Xinavane não é o único circuito de transmissão do HIV na Manhiça e Magude, mas é um deles.

A relação entre produção de açúcar e saúde ambiental, em especial a qualidade da terra, ar e água

A qualidade do ar, solo e água está comprometida pelas técnicas actuais da produção de açúcar, em particular a sua intensidade química, queima da cana e pulverização aérea de agentes de maturação. Estas técnicas não são específicas da AdX. São utilizadas nas açucareiras por todo o mundo. Os seus efeitos na saúde dos trabalhadores são exacerbados por erros humanos e pela relutância dos trabalhadores em usar equipamento protector. Melhores instalações sanitárias, equipamento adaptado ao clima e à facilidade de movimentos, fácil disponibilidade de água potável e espaços de alojamento menos lotados para os trabalhadores migrantes, seria, contudo, imediatamente possível e desejável para melhorar o bem-estar. No meio-termo, para trabalhadores e comunidades, a queima de cana deveria dar lugar ao mesmo tipo de técnica de maior intensidade laboral utilizada para a cana-semente verde. A longo prazo, o Vale do Incomati não poderá sustentar o nível actual de utilização de água pela agricultura comercial e principalmente pela produção de cana de açúcar.

A AdX não inventou o modelo actual da produção de açúcar mas ao pensar na expansão contínua do açúcar deve-se reconhecer que se baseia em padrões de residência, trabalho e utilização da terra que não são saudáveis para a subsistência de base agrária. O bem-estar daqueles que não asseguraram a titularidade à terra irrigável no período do pós-guerra ou que não têm fontes estáveis de rendimento fora da agricultura é particularmente vulnerável. Muitos destes vivem em agregados chefiados por mulheres, um grupo muito grande nesta região. As altas taxas de mortalidade adulta em Manhiça não serão talvez tão difíceis de compreender.

5. Regulação das Açucareiras

Não se deve esperar que a presença relativamente recente da Tongaat-Hulett revitalize e transforme esta região imediatamente. O objectivo deste relatório não é apontar o dedo a tudo o que está actualmente errado na expansão da produção de açúcar em Xinavane e Magude. Pretende-se, no entanto, ajudar aqueles cujas intervenções irão afectar as direcções da mudança, para pensarem qual será o impacto da expansão no bem-estar dos trabalhadores nas comunidades rurais. Assim, este capítulo foca a forma como os actores locais abordam os quatro aspectos do bem-estar identificados no Capítulo 4 como sendo particularmente afectados pela expansão da produção de açúcar:

- O crescimento do emprego e rendimento
- O *trade-off* entre aumento do rendimento do açúcar e redução do acesso a terra irrigável para a subsistência rural
- A produção de cana-de-açúcar e a incidência de doenças
- Recursos ambientais, principalmente a qualidade da terra, ar e água, e a expansão da produção de açúcar no Vale do Incomati.

Discutimos com quatro actores principais a trabalhar localmente sobre estas questões: (i) a gestão das propriedades de açúcar (Vamagogo e principalmente e com mais importância AdX), (ii) o sindicato SINTIA (iii) o governo local e (iv) as organizações da sociedade civil.

Abordagens corporativas: garantir o acesso à terra e a produtividade laboral

A AdX e a Vamagogo investiram em sistemas de irrigação mais eficientes e mecanizaram várias partes do processo de produção mas as relações de produção mantêm-se muito como eram no passado. Muitas tarefas centrais ainda são sazonais e executadas manualmente: plantar, mondar a cana alta, cortar a cana. Todos os trabalhadores sazonais têm agora de ter um contrato para poderem trabalhar, mas mesmo para trabalhadores permanentes esse contrato não garante um número determinado de dias de trabalho por mês. Os cortadores de cana migrantes agora vêm frequentemente do centro de Moçambique, falam português fluente e frequentaram a escola secundária, mas ainda vêm sem as famílias e vivem durante seis meses em acampamentos. Relações entre a direcção e os trabalhadores rurais, em particular os cortadores de cana, são voláteis. Os directores da AdX estão conscientes que a rentabilidade pode facilmente ficar comprometida por greves. O director dos recursos humanos disse-nos que uma razão para não nos deixar falar com os trabalhadores foi o receio que nós inadvertidamente incitássemos à greve com as

nossas perguntas. Ele vê a mecanização da colheita, isto é uma redução adicional na mão-de-obra, e não a estabilização de empregos e residência, como a alternativa.

Nalgumas zonas do sul de África, o capital do açúcar remeteu as questões da mão-de-obra agrícola para serem tratadas por produtores contratados. Maragra, em parte por falta de terra para a expansão, fê-lo na Manhiça Sul numa extensão maior do que a AdX. Quase todas as associações de pequenos produtores em Xinavane e Magude dependem de trabalhadores contratados pela AdX e encaixam-se nos seus padrões, de colheita e laborais, e nas prioridades estabelecidas pela AdX. Este modelo combinado com a absorção das anteriores propriedades de citrinos permitiu à AdX obter arrendamento de longo prazo numa grande parte da extensão da bacia do Incomati em Moçambique. A conversão desta terra à produção de bio-fuel, principalmente com colheita mecanizada poderia levar a adicional diminuição de empregos.

Antes de iniciarmos esta investigação, pensamos que preocupações com a produtividade da mão-de-obra na AdX e na Vamagogo poderiam ter levado a uma lacuna nas condições de saúde, principalmente instalações de saúde, entre as famílias de trabalhadores da AdX e os agregados familiares. Fora as indubitáveis vantagens da obtenção de dinheiro regularmente nos agregados familiares na saúde, isso não apreço ser verdade. A clínica da companhia está principalmente preocupada com os acidentes de trabalho. Os trabalhadores da AdX e suas famílias dependem, tal como as comunidades remotas, dos postos de saúde do sistema nacional de saúde. Os trabalhadores trazem de casa os alimentos e, na maior parte do ano, água potável para os campos. Os próprios canaviais servem de latrina, enquanto muitos agregados já as construíram. A melhoria das estradas rurais, necessárias para a entrega atempada de cana cortada ao engenho, melhorou o acesso ao transporte para todos, mas também expôs todos a um maior risco de acidentes de estrada, um risco apenas ligeiramente reduzido pela circulação alargada entre muitos não empregados pela companhia dos casacos do uniforme da AdX com faixas fosforescentes.

Abordagens do governo local: facilitação em vez de governação

As avaliações e monitorização do impacto ambiental são obrigatórias ao abrigo da lei moçambicana. Um projecto de relatório WWF 2008 (World Wildlife Fund/Fundo Mundial da Vida Selvagem) refere que avaliações de viabilidade prévia ocorreram na realidade para a expansão das duas companhias de açúcar na província de Maputo, Xinavane e Maragra, em 2006 e 2007. Muitas das questões ambientais discutidas neste relatório foram então levantadas: contaminação das águas subterrâneas devido à utilização de agro-químicos no processo de produção da cana-de-açúcar; conflito entre os vários utilizadores de água ao longo da bacia do Incomati; degradação do habitat, poluição do ar e contaminação dos solos devido a má gestão dos resíduos sólidos, óleo, lubrificantes e fuel utilizados durante o processo de produção. A fraqueza reside, contudo, na importância dada à capacidade de monitorar aqueles problemas a nível local.

O governo local e as estruturas do partido Frelimo na área partilham uma orientação comum no que diz respeito ao funcionamento da AdX. Os funcionários mobilizaram os residentes influentes para ceder terra comunitária à AdX, em troca de integração subsidiada nas associações de produtores integrados. Se bem que a parte pertencente ao governo tenha sido reduzida para 12%, os funcionários distritais e as estruturas do partido ainda desempenham um papel importante na representação dos interesses da AdX a nível local. Em troca, a AdX construiu alguns postos de saúde rurais e escolas e construiu ou reparou estradas. Apoia o governo local, tanto a nível financeiro como operacional nalgumas actividades. Emprestou equipamento para a recolha do lixo na cidade de Xinavane, por exemplo, e em dada altura emprestou duas ambulâncias ao Hospital de Xinavane, apesar de não o fazer actualmente. Fez doações para comemorações recentes em Magude nas celebrações do aniversário da Missão Suíça e da morte de Maguigane. Neste contexto, é difícil para o governo local exercer muito controlo sobre o que faz a AdX; é um facilitador em vez de governador.

Ao nível distrital, preocupação com as questões a longo prazo do acesso à terra e água e da qualidade dos solos, água e ar é teoricamente da responsabilidade do Departamento das Actividades Económicas. Actualmente, os funcionários não têm nem a informação disponível, nem as rotinas administrativas, nem o empenhamento necessário para levantar tais questões junto de um empreendimento como a AdX. Nem a política nacional do governo para promoção da produção de alimentos parece ser uma preocupação.

Os funcionários de saúde do governo local têm estado mais envolvidos na inspecção dos acampamentos residenciais desde a epidemia de cólera. Em Xinavane também trabalham com a AdX na coordenação da pulverização anti-mosquito, apesar disto não ter funcionado em Magude. Os funcionários distritais da inspecção do trabalho baseados em Manhiça intervêm nalgumas queixas de trabalhadores contra a AdX e conseguiram colocar na AdX alguns trabalhadores não qualificados desempregados. Os funcionários do INSS reconhecem que os procedimentos para baixa por doença excluem os trabalhadores sazonais e aqueles que trabalham na base da tarefa mas não têm estratégia para abordar o problema.

Os representantes distritais do Ministério do Trabalho também fazem visitas ocasionais à AdX para organizar o recrutamento do desemprego registado e como parte do procedimento da mediação das queixas mas não têm capacidade para inspecção regular às condições de trabalho. Os trabalhadores que fazem queixas são em geral trabalhadores permanentes da fábrica.

Abordagens dos sindicatos: mediador em vez de representante do trabalhador

O SINTIA a nível nacional tem ligações com sindicatos e organizações laborais a trabalhar nas ligações do açúcar por toda a região e está familiarizado com uma grande variedade

de questões do emprego. A influência sindical é mínima em Vamagogo (o director geral não sabia o nome correcto da mulher que era a representante sindical). Na AdX, contudo, todos os trabalhadores se tornam membros dos sindicatos quando são contratados; as mensalidades devidas (1% do salário bruto) são automaticamente descontadas. O escritório do sindicato está dentro da sede da AdX em Xinavane; funcionários e direcção têm relações próximas. O sindicato foca principalmente aqueles que têm empregos permanentes na fábrica ou trabalho qualificado ou posições de supervisão. Desempenha um papel na arbitragem de questões disciplinares e queixas dos trabalhadores contra a direcção, principalmente à volta de questões salariais.

O sindicato tem muito pouca influência junto dos trabalhadores sazonais (apesar destes pagarem as mensalidades ao sindicato). Como indicam as reportagens dos *médias* sobre a greve do ano passado, os cortadores de cana tinham a sua própria organização informal independente do sindicato. O sindicato não tem estratégia para alargar a sua influência aos trabalhadores sazonais nem está particularmente preocupado com a maior parte das questões de saúde ou ambientais abordadas no Capítulo 4. O seu foco principal é a segurança do emprego e salários. Uma vez que o SINTIA também organiza os trabalhadores da vizinha propriedade da Maragra tem o potencial para ser um actor poderoso na orientação do desenvolvimento da produção de açúcar.

Grupos comunitários: Foco no emprego e rendimento

Dois grupos de rádios comunitárias têm tentado apoiar diferentes públicos nas suas negociações com a AdX. Um deles, Gwevahne, levantou as questões da ocupação da terra e está agora principalmente preocupado com as queixas dos membros das associações em torno do nível de rendimento que obtêm após os descontos da AdX. Esta é uma questão levantada pela UNAC, que não está activa na zona de Xinavane. O segundo, a Rádio Comunitária, está mais preocupada com os salários e as condições de vida dos trabalhadores agrícolas do que com a ocupação da terra ou o rendimento dos produtores contratados. Já fez campanha à volta da prevenção do HIV/SIDA – particularmente a alertar contra a prostituição – mas isto constitui menor preocupação agora que o tratamento anti-retroviral (TARV) está amplamente acessível. Entre os representantes dos diferentes grupos religiosos formais com os quais falámos em Xinavane, a disponibilidade de empregos e nível de salários foram os principais assuntos levantados em relação à AdX. Mencionaram repetidamente a divergência de salários entre trabalhadores moçambicanos e estrangeiros e a prevalência de contratos de curto prazo. As suas exigências reflectiam as preocupações dos trabalhadores permanentes, a viver na periferia da cidade Xinavane, que pertencia às suas igrejas. Prestar assistência religiosa aos trabalhadores migrantes fazia-se através de cultos de igrejas informais, muitas vezes organizadas por um pastor evangélico ele próprio um trabalhador AdX. Os seus conselhos enfatizavam a solidariedade e resistência.

Não encontramos grupos comunitários locais envolvidos em questões de saúde pessoal ou ambiental, nem grupos nacionais ou provinciais a trabalhar actualmente na área de Xinavane¹⁰. Confiar na monitorização da AdX pela sociedade civil não é realista.

As políticas do bem-estar

A AdX é parte de uma companhia multinacional, a Tongaat-Hulett, com importância económica considerável em Moçambique e mais amplamente na região. Protestos locais sobre salários e rendimento de pequenos produtores contratados podem ameaçar a rentabilidade da companhia, mas sem ligar tais protestos a redes provinciais e nacionais através de organizações como o SINTIA ou o UNAC, é difícil ter um impacto a longo prazo na forma como a produção de açúcar está organizada. Não encontramos grupos locais preocupados com os outros aspectos do bem-estar levantados neste relatório: acesso à terra irrigável para outros tipos de actividades produtivas para além do açúcar; as condições de saúde dos trabalhadores do açúcar; e saúde ambiental a longo prazo, particularmente disponibilidade reduzida de água e poluição do ar, água e terra. Regular estas questões depende actualmente da capacidade e responsabilidade do governo, particularmente na presença local dos ministérios da saúde e trabalho e da administração distrital. Apesar dos funcionários da saúde estarem muito activos a nível local, a sua principal tarefa é medicina curativa e têm tempo limitado para programas de saúde pública de prevenção e inspecção. O ministério do trabalho foca a expansão de contribuições para a segurança social; não tem delegados a nível local envolvidos na monitorização de questões de saúde ocupacional. Os administradores locais estão de uma forma genérica conscientes das questões de saúde e ambientais, mas também dependem das contribuições da AdX para despesas especiais. Influenciar o impacto da AdX no bem-estar dos trabalhadores e das comunidades depende, assim, da ligação dos grupos locais às instituições políticas nacionais.

10 Sem dúvida que deixámos escapar alguns grupos relevantes. Por exemplo, só ouvimos falar da Associação das Mulheres Desfavorecidas na Indústria Açucareira depois de termos terminado a nossa investigação.

6. Conclusões: Produção de cana e bem-estar

Com a aquisição da Incomati Sugar Estates em Xinavane e a subsequente expansão para as áreas irrigadas dos distritos de Magude e Moamba, a Tongaat-Hulett reabilitou as infra-estruturas de irrigação e transporte e modernizou as técnicas da produção de açúcar. Esta expansão esteve baseada na produção de açúcar. Apesar da Vamagogo, o maior produtor integrado da AdX, estar a criar gado naquela parte da propriedade que não é apropriada para cana-de-açúcar, a AdX e a maior parte dos seus contratados só cultivam cana, deslocando a anterior produção de citrinos em Magude e por vezes o cultivo de milho irrigado, vegetais e fruta dos pequenos proprietários.

A produção irrigada de cana-de-açúcar é nova em Magude, mas a Manhiça é um distrito produtor de açúcar há um século. Em Xinavane as pessoas estão habituadas às cinzas que flutuam no céu, ao ar que cheira a melaço e a camiões carregados de cana que aceleram por estradas estreitas partilhadas com pedestres, ciclistas e por vezes gado. Quando falam da AdX chamam-lhe frequentemente Incomati, não distinguindo entre o empreendimento colonial, a empresa estatal socialista e a propriedade actual. Tanto Magude como Xinavane têm uma longa história de migração masculina para a África do Sul, mas agora reparam que é muito mais difícil garantir um emprego ali. Ambas sofreram graves deslocações e destruições durante os anos de guerra. Ambas têm elevadas incidência de malária e prevalência de HIV/SIDA. A recuperação e expansão da produção de açúcar ocorreu num contexto de estagnação económica e num período de crise de subsistência.

Nas nossas conversas com funcionários distritais tanto em Magude como em Manhiça, concluímos que a maioria das pessoas está agradada com a renovação da expansão da produção de cana, com base sobretudo na contribuição para o emprego, rendimento e investimento nas infra-estruturas (sistemas de irrigação e drenagem, estradas e instalações de saúde). Concluímos também que membros de agregados familiares de agricultores com quem falámos estavam agradados por a AdX lhes ter dado empregos e nalguns casos estavam a tentar mudar da produção de alimentos para a produção de cana na sua terra irrigável embora este entusiasmo com a conversão de terra para o açúcar parecesse maior entre aqueles que eram prósperos produtores comerciais especializados do que entre mulheres que já não tinham acesso a *nhaca* terra que as ajudasse quando as culturas de sequeiro falhavam.

A criação de empregos e rendimento é uma parte importante das formas pelas quais a produção de açúcar pode afectar o bem-estar rural, mas não é a única forma. O próprio processo de produção, a forma como o trabalho está organizado e as formas como a terra, a água e o ar utilizados afectam o bem-estar. O objectivo deste relatório foi mostrar o que são estas relações no caso da produção de cana-de-açúcar nas áreas de influência da Açucareira de Xinavane.

Criação de empregos e rendimento

Concluimos que criar emprego tem sido uma grande contribuição da expansão da produção de açúcar, mas que a modernização técnica dos processos de produção não eliminou a necessidade de recrutamento sazonal de mão-de-obra local concentrada na faixa salarial mais baixa. Para estes trabalhadores, a subsistência aceitável ainda depende da combinação do trabalho sazonal com outras fontes de rendimento e a pequena produção agrícola. Também concluimos que o crescimento da força de trabalho tem sido limitado desde 2009. É irrealista esperar que a AdX continue a criar emprego. Até agora *spinoffs* em indústria e comércio locais são limitados.

Também concluimos que a abordagem seguida no desenvolvimento de associações de pequenos produtores levou a melhorias significativas de rendimento para um número relativamente pequeno de agregados familiares, mas o nível de subsídio oferecido inicialmente não pode ser mantido numa escala alargada. Também há conflitos entre aqueles que se tornaram membros de associações, frequentemente homens de influência, e agregados que também se consideram com direitos à terra que agora tem investimentos substanciais em infra-estrutura.

A relação entre melhoria do bem-estar material e crescimento de empregos e rendimento

O número de empregos criados com a expansão parece ter estabilizado à volta de 10,000. Para ser competitiva, a AdX terá que melhorar a produtividade da sua mão-de-obra, pelo que o número de empregos na açucareira não parece provável aumentar. Apesar de haver empregos ligados à construção e transporte, a agro-indústria não conseguiu até agora um efeito multiplicador no emprego novo. Além disso, a maioria dos trabalhadores agrícolas está concentrada na mais baixa faixa de salários, onde continua a registar-se variação sazonal no recrutamento. Dado o preço dos bens de consumo, principalmente dos alimentos, o seu salário real é um salário de subsistência, e não um que lhes permita investir para melhorar a sua base de subsistência. Essa base de subsistência está presentemente muito vulnerável a qualquer movimento internacional adverso de preços, não só do açúcar e etanol mas também à subida de preços no mercado dos cereais, uma vez que grande parte do arroz e da farinha de milho consumida nesta região é importada.

O *trade-off* entre aumento do rendimento do açúcar e acesso reduzido a terra irrigável na subsistência rural sustentável

A produção de alimentos, incluindo a importação de alimentos básicos, representa uma proporção elevada do consumo das famílias rurais na província de Maputo. A produção de

açúcar pode empregar apenas uma pequena fracção dos que procuram trabalho na região de Xinavane e os salários auferidos são claramente diferenciados entre trabalhadores qualificados e a grande maioria da força da mão-de-obra agrícola. O rendimento nas associações de pequenos proprietários é também altamente diferenciado. O rendimento do açúcar é portanto apenas uma componente de uma gama de actividades de subsistência que permitem aos agregados sobreviver. A transformação do Vale do Incomati numa área de produção de monocultura da cana destrói a base de muitas destas actividades de subsistência sem providenciar uma fonte alternativa de emprego.

A incidência de problemas de saúde relacionados com o trabalho nos campos de cana

A AdX e a Vamagogo modernizaram a infra-estrutura de irrigação, mecanizaram várias tarefas e introduziram processos químicos tais como o uso de herbicidas para substituir a monda precoce e pulverização aérea de agentes de maturação. No entanto a modernização técnica não eliminou a exposição a químicos tóxicos ou acidentes de trabalho nos campos e nas estradas. Nem houve grandes alterações nas formas como os trabalhadores sazonais são alojados e recrutados, se bem que muitos agora venham de mais longe e, ao contrário dos cortadores de cana do passado, frequentemente têm alguma educação secundária. É fornecido algum equipamento protector, mas os trabalhadores não o usam sempre. A maior parte do trabalho agrícola é paga com base na tarefa, incentivando os trabalhadores a despachar a tarefa o mais depressa possível.

O recrutamento e alojamento de trabalhadores segue em grande parte padrões estabelecidos há mais de um século. Os cortadores de cana, principalmente homens e a maior parte de fora do distrito, vêm em contratos de seis meses e são alojados em acampamentos rudimentares, com ligações sociais limitadas às comunidades próximas. Outros trabalhadores agrícolas, quer sazonais quer permanentes, vivem em comunidades rurais remotas, deixam as suas casas quando ainda está escuro e as crianças ainda não acordaram, para se dirigirem ao ponto de recolha da AdX ou para ir directamente para o campo.

A relação entre produção de açúcar e saúde ambiental, em especial a qualidade da terra, ar e água

A qualidade do ar, solo e água está comprometida pelas técnicas actuais da produção de açúcar, em particular a sua intensidade química, queima da cana e pulverização aérea de agentes de maturação. Os seus efeitos na saúde dos trabalhadores são exacerbados por erros humanos e pela relutância dos trabalhadores em usar equipamento protector. Melhores instalações sanitárias, equipamento adaptado ao clima e à facilidade de movimentos,

fácil disponibilidade de água potável e espaços de alojamento menos lotados para os trabalhadores migrantes, seria, contudo, imediatamente possível e desejável para melhorar o bem-estar. No meio-termo, para trabalhadores e comunidades, a queima de cana deveria dar lugar ao mesmo tipo de técnica de maior intensidade laboral utilizada para a cana verde para o plantio. A longo prazo, o Vale do Incomati não poderá sustentar o nível actual de utilização de água pela agricultura comercial e principalmente pela produção de cana-de-açúcar.

A AdX não inventou o modelo actual da produção de açúcar mas ao pensar na expansão contínua do açúcar deve-se reconhecer que se baseia em padrões de residência, trabalho e utilização da terra que não são saudáveis para a subsistência de base agrária. O bem-estar daqueles que não asseguraram a titularidade à terra irrigável no período do pós-guerra ou que não têm fontes estáveis de rendimento fora da agricultura é particularmente vulnerável. Muitos destes vivem em agregados chefiados por mulheres, um grupo muito grande nesta região. As altas taxas de mortalidade adulta em Manhiça não serão talvez tão difíceis de compreender.

O impacto a longo prazo da expansão da produção de açúcar no bem-estar na área da AdX ainda não está decidido. Dependerá em parte no movimento dos preços nos mercados internacionais e alterações no trabalho regional e mercados de produtos. Dependerá também, contudo, no que será feito sob formas de governação e acção política a nível local. A AdX é parte de uma companhia multinacional, a Tongaat-Hulett, com importância económica considerável em Moçambique e mais amplamente na região. Protestos locais sobre salários e rendimento de produtores integrados podem ameaçar a rentabilidade da companhia, mas sem ligar tais protestos a redes provinciais e nacionais através de organizações como o SINTIA ou o UNAC, é difícil ter um impacto a longo prazo na forma como a produção de açúcar está organizada. Não encontramos grupos locais preocupados com os outros aspectos do bem-estar levantados neste relatório: acesso à terra irrigável para outros tipos de actividades produtivas para além do açúcar; as condições de saúde dos trabalhadores do açúcar; e saúde ambiental a longo prazo, particularmente disponibilidade reduzida de água e poluição do ar, água e terra. Regular estas questões depende actualmente da capacidade e responsabilidade do governo, particularmente na presença local dos ministérios da saúde e trabalho e da administração distrital. Apesar dos funcionários da saúde estarem muito activos a nível local, a sua principal tarefa é medicina curativa e têm tempo limitado para programas de saúde pública de prevenção e inspecção. O ministério do trabalho foca a expansão de contribuições para a segurança social; não tem delegados a nível local envolvidos na monitorização de questões de saúde ocupacional. Os administradores locais estão de uma forma genérica conscientes das questões de saúde e ambientais, mas também dependem das contribuições da AdX para despesas especiais. Influenciar o impacto da AdX no bem-estar dos trabalhadores e das comunidades depende, assim, da ligação dos grupos locais às instituições políticas nacionais.

A direcção da AdX tem orgulho na sua função dinamizadora na área de Xinavane. A recuperação e expansão do açúcar levou ao aumento de emprego não só de trabalhadores

agrícolas mas também na fábrica, construção e transporte. Melhorou as estradas rurais e construiu escolas e postos de saúde na área da sua operação. Porém, se considerarmos as quatro áreas de impacto discutidas neste capítulo, há fortes razões para questionar se a expansão e consolidação da produção da monocultura de cana no Vale do Incomati pode continuar a trazer melhorias rápidas no bem-estar dos trabalhadores e nos agregados familiares nestas comunidades rurais.

Referências

- Arbex, M. A., Martins, L. C., De Oliveira, R. C., Pereira, L. A. A., Arbex, F. F., Cançado, J. E. D., Saldiva, P. H. N. & Braga, A. L. F. 2007, 'Air pollution from biomass burning and asthma hospital admissions in a sugar cane plantation area in Brazil', *Journal of epidemiology and community health*, 61 (5): 395-400.
- Bowen, M. L. 2000, *The state against the peasantry: Rural struggles in colonial and postcolonial Mozambique*, Charlottesville and London: University of Virginia Press.
- Cançado, J. E. D., Saldiva, P. H. N., Pereira, L. A. A., Lara, L. B. L. S., Artaxo, P., Martinelli, L. A., Arbex, M. A., Zanobetti, A. & Braga, A. L. F. 2006, 'The impact of sugar cane-burning emissions on the respiratory system of children and the elderly', *Environmental health perspectives*, 114 (5): 725.
- Carmo Vaz, A. & van der Zaag, P. 2003, 'Sharing the Incomati waters: cooperation and competition in the balance', in UNESCO—IHP Technical Document/PCCP Paris: UNESCO.
- Davies, J. 1998, 'The Causes and Consequences of Cane Burning in Fiji's Sugar Belt', *The Journal of Pacific Studies*, 22: 1-25.
- Gengenbach, H. 2000, 'Naming the past in a "Scattered" Land: Memory and the Powers of Women's Naming Practices in Southern Mozambique', *The International Journal of African Historical Studies*, 33 (3): 523-42.
- Gibbon, P. 2011, 'Experiences of Plantation and Large-Scale Farming in 20th Century Africa', in *DIIS Working Paper* Copenhagen: DIIS.
- González, R., Munguambe, K., Aponte, J., Bavo, C., Nhalungo, D., Macete, E., Alonso, P., Menéndez, C. & Naniche, D. 2012, 'High HIV prevalence in a southern semi-rural area of Mozambique: a community-based survey', *HIV medicine*.
- Jelsma, I., Bolding, A. & Slingerland, M. 2010, 'Smallholder Sugarcane Production Systems in Xinavane, Mozambique: Report from the Field', Wageningen: Plant Production Systems, Plant Sciences Group, Wageningen University.
- Lorentzen, J. 2009, 'Global sugar, regional water, and local people: EU sugar regime liberalisation, rural livelihoods, and the environment in the Incomati River Basin', *South African journal of science*, 105 (1-2): 49-53.
- Mahadevan, R. 2009, 'The viability of Fiji's sugar industry', *Journal of Economic Studies*, 36 (4): 309-25.

- Nicolella, A. C. & Belluzzo, W. 2011, 'Impact of reducing the pre harvest burning of sugarcane area on respiratory health in Brazil': ANPEC-Associação Nacional dos Centros de Pósgraduação em Economia [Brazilian Association of Graduate Programs in Economics].
- Ogtrop, F. F., Hoekstra, A. Y. & Meulen, F. 2005, 'Flood Management in the Lower Incomati River Basin, Mozambique: Two Alternatives', *JAWRA Journal of the American Water Resources Association*, 41 (3): 607-19.
- Packard, R. M. 2007, *The Making of a Tropical Disease: A Short History of Malaria*, Baltimore: Johns Hopkins University Press.

APÊNDICES

Apêndice A: Lista das Entrevistas

Nome do Entrevistado	Ocupação	Local da entrevista
Alexandre Munguambe	Secretário Geral do SINTIA	Cidade de Maputo
Luís Muchanga	Director Executivo da UNAC	Cidade de Maputo
Luís Balate	Representante da KULIMA	Matola
Alberto Machava	Chefe do Departamento Migratório da Direcção Provincial do Trabalho	Machava - Sede
Artur Chindandale	Administrador do Distrito da Manhiça	Manhiça
Charfudin Sacoer	Demógrafo do CISM	Manhiça
Eusébio Macete	Director do CISM	Manhiça
Fausta Tembe	Directora Distrital de Saúde da Manhiça	Manhiça
Ildezina Honwana	Representante do INEFP no Distrito da Manhiça	Manhiça
Rebeca Mabuye	Representante da UNAC na Manhiça	Manhiça
Sergio Samuje	Director do SDAE	Manhiça
Zefenias Macuacua	Técnico do INSS	Manhiça
Fernando Pereira	Membro da companhia Inácio de Sousa	Palmeiras
Luís de Sousa	Membro da companhia Inácio de Sousa	Palmeiras
Horácio Chaluca	Agente de Medicina Geral	Taninga
Pedro Luís	Chefe da Localidade de Taninga	Taninga
Felisberto Guambe	Chefe da Localidade 3 de Fevereiro	3 de Fevereiro
Jaime Aquino	Director do Centro de Saúde de 3 de Fevereiro	3 de Fevereiro
Salvador Mayecane	Presidente da Associação Ngoine	3 de Fevereiro - Associação Ngoine
Sr. Nkongolo	Presidente da Associação Hoyo-Hoyo (Buna)	3 de Fevereiro - Associação Hoyo - Hoyo (Buna)
Alexandre Moiane	Secretário do Comité Central do SINTIA em Xinavane	Xinavane
George Cuamba	Director Adjunto do Departamento de Higiene e Segurança no Trabalho da AdX	Xinavane

Nome do Entrevistado	Ocupação	Local da entrevista
José Muchanga	Coordenador da Rádio Gwevhane	Xinavane
Musi Dlamini	Técnico dos Serviços da Agricultura da AdX	Xinavane
Pastor Chuhulume	Pastor da Igreja Metodista Unida de Xinavane	Xinavane - Bairro 2004
Paulo Comocomo	Rádio Comunitária de Xinavane	Xinavane
Renato Ribeiro	Coordenador do Programa de HIV-SIDA na AdX	Xinavane
Rob Weare	Director de Recursos Humanos da Tongaat Hulett Moçambique	Xinavane
Rosário Cumbi	Director Geral da Tongaat Hulett Moçambique	Xinavane
Sancho Cumbi	Director de Projectos da AdX	Xinavane
Saquina Adamo	Directora do Centro de Saúde de Xinavane	Xinavane
Teresa Gulamo	Chefe do Posto Administrativo de Xinavane	Xinavane
Zito Machava	Gestor de Administração de Recursos Humanos da AdX	Xinavane
Domingos Jacinto	Membro da Associação Cooperativa Agrícola de Ntuanane	25 de Setembro - Xinavane
José Maposse	Presidente do Conselho Fiscal da Associação Lhuvucane	25 de Setembro - Xinavane
Júlio Watima Cossa	Presidente da Associação Zona Verde Vimbene	25 de Setembro - Xinavane
Luís Eugénio Numaio	Chefe do Posto Administrativo 25 de Setembro	25 de Setembro - Xinavane
Júlio Jamo	Director dos Recursos Humanos de Vamagogo	Vamagogo - Xinavane
Marc Gurrege	Director Geral de Vamagogo	Vamagogo - Xinavane
Casimiro Cuambe	Chefe do Posto Administrativo Ilha Josina	Ilha Josina
Casimiro Machava	Chefe da Localidade de Ndzongoene	Ndzongoene - Ilha Josina
Sr. Edmundo	Agente Geral de Medicina	Ilha Josina
Agapito Nhantumbo	Primeiro Secretário do partido Frelimo	Magude-Sede
Ciro Novidade	Engenheiro agronomo do SDAE de Magude	Magude-Sede
Eduardo Tembe	Director do SDAE de Magude	Magude-Sede
Hélio Manjate	Director Distrital da Saúde e da Mulher e Acção Social	Magude-Sede
João Tsembane	Director de Planeamento e Infraestrutura de Magude	Magude-Sede

Nome do Entrevistado	Ocupação	Local da entrevista
José Gomate	Director Distrital da Educação, Juventude e Tecnologia	Magude-Sede
Lorinho Bonzo	Secretário Permanente do Distrito de Magude	Magude-Sede
Luísa Nunes	Chefe do Posto Administrativo de Magude	Magude-Sede
Sr. Tivane	Produtor Independente de Cana-de-açúcar	Magude-Sede
Francisco Cumbissane	Chefe da Localidade de Maguiguane	Maguiguane - Magude
Sofia Kwakwa	Presidente da Associação Macuvulane 1	Maguiguane - Magude
Alcino Massingue	Chefe da Localidade de Muleleman	Muleleman - Magude
Sr. Edy	Chefe de Secção na AdX	Timanguene - Magude
Castigo Tivane	Presidente da Mesa da Assembleia da Associação Olhar de Esperança	Matchabe - Magude
Sr. Milagre	Chefe da Localidade de Matchabe	Matchabe - Magude
Isabel Tembissa	Chefe do Posto Administrativo de Motaze	Motaze - Sede
Milagre Khau	Agente de Medicina Preventiva	Motaze - Sede
Lojas e Estabelecimentos Comerciais		
Raimundo Matsinhe	Proprietário da loja Matsinhe Comercial	Xinavane
Sra. Teresa	Gerente da loja C.S., Comercio e Serviços	Xinavane
Fina Armindo Muthuki	Vendedeira no mercado novo de Magude	Magude-Sede
Sr. Omar	Proprietário de uma mercearia	Magude-Sede
Sr. Sidiq	Proprietário de uma mercearia	Magude-Sede

Apêndice B: Fotos do trabalho de campo referidas no texto

As Regras de Huley



Condições de Alojamento, Vamagogo







Forno de queima de tijolos



Queima da Cana



Outras Publicações do IESE

Livros/Books

Moçambique: Descentralizar o Centralismo? Economia Política, Recursos e Resultados. (2012)

B. Weimer (organizador)

IESE: Maputo

A Mamba e o Dragão: Relações Moçambique-China em Perspectiva. (2012)

Sérgio Chichava e C. Alden (organizador)

IESE: Maputo

Desafios para Moçambique 2012. (2012)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava, e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Desafios para Moçambique 2011. (2011)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Economia extractiva e desafios de industrialização em Moçambique – *comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos*. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Protecção social: abordagens, desafios e experiências para Moçambique – *comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos*. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Pobreza, desigualdade e vulnerabilidade em Moçambique – *comunicações apresentadas na II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos*. (2010)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Desafios para Moçambique 2010. (2009)

Luís de Brito, Carlos Nuno Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Cidadania e Governação em Moçambique – *comunicações apresentadas na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos*. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava e António Francisco (organizadores)

IESE: Maputo

Reflecting on economic questions – *papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies*. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)

IESE: Maputo

Southern Africa and Challenges for Mozambique – *papers presented at the inaugural conference of the Institute for Social and Economic Studies*. (2009)

Luís de Brito, Carlos Castel-Branco, Sérgio Chichava and António Francisco (editors)

IESE: Maputo

Cadernos IESE

(Artigos produzidos por investigadores permanentes e associados do IESE. Esta colecção substitui as séries “Working Papers” e “Discussion Papers”, que foram descontinuadas/ Articles produced by permanent and associated researchers of IESE. This collection replaces the series “Working Papers” and “Discussion Papers” which have been discontinued).

Cadernos IESE nº 11: *Protecção Social no Contexto da Transição Demográfica Moçambicana*. (2011)

António Alberto da Silva Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_11_AFrancisco.pdf

Cadernos IESE nº 10: *Protecção Social Financeira e Demográfica em Moçambique: oportunidades e desafios para uma segurança humana digna*. (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali, Yasfir Ibraimo

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_10_AFRA.pdf

Cadernos IESE nº 9: *Can Donors ‘Buy’ Better Governance? The political economy of budget reforms in Mozambique*. (2011)

Paolo de Renzio

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_09_PRenzio.pdf

Cadernos IESE nº 8: *Desafios da Mobilização de Recursos Domésticos – Revisão crítica do debate.* (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_08_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 7: *Dependência de Ajuda Externa, Acumulação e Ownership.* (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_07_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 6: *Enquadramento Demográfico da Protecção Social em Moçambique.* (2011)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_06_AF.pdf

Cadernos IESE nº 5: *Estender a Cobertura da Protecção Social num Contexto de Alta Informalidade da Economia: necessário, desejável e possível?* (2011)

Nuno Cunha e Ian Orton

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_05_Nuno_Ian.pdf

Cadernos IESE nº 4: *Questions of health and inequality in Mozambique.* (2010)

Bridget O'Laughlin

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_04_Bridget.pdf

Cadernos IESE nº 3: *Pobreza, Riqueza e Dependência em Moçambique: a propósito do lançamento de três livros do IESE.* (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_03_CNCB.pdf

Cadernos IESE nº 2: *Movimento Democrático de Moçambique: uma nova força política na Democracia moçambicana?* (2010)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_02_SC.pdf

Cadernos IESE nº 1: *Economia Extractiva e desafios de industrialização em Moçambique.* (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/cad_iese/CadernosIESE_01_CNCB.pdf

Working Papers

(Artigos em processo de edição para publicação. Colecção descontinuada e substituída pela série "Cadernos IESE"/ Collection discontinued and replaced by the series "Cadernos IESE")

WP nº 1: *Aid Dependency and Development: a Question of Ownership? A Critical View.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

<http://www.iese.ac.mz/lib/publication/AidDevelopmentOwnership.pdf>

Discussion Papers

(Artigos em processo de desenvolvimento/debate. Coleção descontinuada e substituída pela série “Cadernos IESE” / Collection discontinued and replaced by the series “Cadernos IESE”)

DP nº 6: *Recursos naturais, meio ambiente e crescimento económico sustentável em Moçambique.* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/DP_2009/DP_06.pdf

DP nº 5: *Mozambique and China: from politics to business.* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_05_MozambiqueChinaDPaper.pdf

DP nº 4: *Uma Nota sobre Voto, Abstenção e Fraude em Moçambique.* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_04_Uma_Nota_Sobre_o_Voto_Abstencao_e_Fraude_em_Mocambique.pdf

DP nº 3: *Desafios do Desenvolvimento Rural em Moçambique.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_03_2008_Desafios_DesenvRural_Mocambique.pdf

DP nº 2: *Notas de Reflexão sobre a “Revolução Verde”, contributo para um debate.* (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/Discussion_Paper2_Revolucao_Verde.pdf

DP nº 1: *Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique.* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/dp_2008/DP_01_ArtigoEtnicidade.pdf

Boletim IDEIAS

(Boletim que divulga resumos e conclusões de trabalhos de investigação / Two-pager bulletin for publication of short versions of research papers)

Nº48P: *Sobre resultados eleitorais e dinâmica eleitoral em Sofala*. (2013)

Marc de Tollenaere

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48p.pdf

Nº48E: *Analysing elections results and electoral dynamics in Sofala*. (2013)

Marc de Tollenaere

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_48e.pdf

Nº47: *Moçambique: Entre Estagnação e Crescimento*. (2012)

António Alberto da Silva Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_47.pdf

Nº46P: *Desafios da Duplicação da População Idosa em Moçambique*. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46p.pdf

Nº46E: *The Doubling Elderly: Challenges of Mozambique's Ageing Population*. (2012)

António Francisco & Gustavo Sugahara

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_46e.pdf

Nº45: *Moçambique e a Explosão Demográfica”: Somos Muitos? Somos Poucos?* (2012)

António Alberto da Silva Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_45.pdf

Nº44: *Taxas Directoras e Produção Doméstica*. (2012)

Sófia Armacy

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_44.pdf

Nº43E: *MEITI – Analysis of the Legal Obstacles, Transparency of the Fiscal Regime and Full Accession to EITI*. (2012)

Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43E.pdf

Nº43P: *ITIEM—Análise dos Obstáculos legais, Transparência do Regime Fiscal e Completa Adesão à ITIE*. (2012)

Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_43p.pdf

Nº42E: *Analysis of the Reconciliation Exercise in the Second Report of EITI in Mozambique*. (2012)

Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42e.pdf

Nº42P: *Análise ao Exercício de Reconciliação do Segundo Relatório da ITIE em Moçambique*. (2012)

Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_42p.pdf

Nº41: *Estado e Informalidade: Como Evitar a “Tragédia dos Comuns” em Maputo?* (2012)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_41.pdf

Nº40: *“Moçambique no Índice de Desenvolvimento Humano”:Comentários.* (2011)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_40.pdf

Nº39: *Investimento directo chinês em 2010 em Moçambique: impacto e tendências.* (2011)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_39.pdf

Nº38: *Comissão Nacional de Eleições: uma reforma necessária.* (2011)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37.pdf

Nº37P: *Envelhecimento Populacional em Moçambique: Ameaça ou Oportunidade?* (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_37p.pdf

Nº37E: *Population Ageing in Mozambique: Threat or Opportunity.* (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Gustavo T.L. Sugahara http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36e.pdf

Nº36: *A Problemática da Protecção Social e da Epidemia do HIV-SIDA no Livro Desafios para Moçambique 2011.* (2011)

António Alberto da Silva Francisco, Rosimina Ali

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_36.pdf

Nº35P: *Será que Crescimento Económico é Sempre Redutor da Pobreza? Reflexões sobre a experiência de Moçambique.* (2011)

Marc Wuyts

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35P.pdf

Nº35E: *Does Economic Growth always Reduce Poverty? Reflections on the Mozambican Experience.* (2011)

Marc Wuyts

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_35E.pdf

Nº34: *Pauperização Rural em Moçambique na 1ª Década do Século XXI.* (2011)

António Francisco e Simão Muhorro

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_34.pdf

Nº33: *Em que Fase da Transição Demográfica está Moçambique?* (2011)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_33.pdf

Nº 32: *Protecção Social Financeira e Protecção Social Demográfica: Ter muitos filhos, principal forma de protecção social em Moçambique?* (2010)

António Francisco, Rosimina Ali e Yasfir Ibraimo

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_32.pdf

Nº 31: *Pobreza em Moçambique põe governo e seus parceiros entre a espada e a parede.* (2010)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_31.pdf

Nº 30: *A dívida pública interna mobiliária em Moçambique: alternativa ao financiamento do défice orçamental?* (2010)

Fernanda Massarongo

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_30.pdf

Nº 29: *Reflexões sobre a relação entre infra-estruturas e desenvolvimento.* (2010)

Carlos Uilson Muianga

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_29.pdf

Nº 28: *Crescimento demográfico em Moçambique: passado, presente...que futuro?* (2010)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/ideias_28.pdf

Nº 27: *Sociedade civil e monitoria do orçamento público.* (2009)

Paolo de Renzio

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_27.pdf

Nº26: *A Relatividade da Pobreza Absoluta e Segurança Social em Moçambique.* (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_26.pdf

Nº 25: *Quão Fiável é a Análise de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique? Uma Análise Crítica dos Indicadores de Sustentabilidade da Dívida Externa de Moçambique.* (2009)

Rogério Ossemane

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_25.pdf

Nº 24: *Sociedade Civil em Moçambique e no Mundo.* (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_24.pdf

Nº 23: *Acumulação de Reservas Cambiais e Possíveis Custos derivados - Cenário em Moçambique.* (2009)

Sofia Amarcy

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_23.pdf

Nº 22: *Uma Análise Preliminar das Eleições de 2009.* (2009)

Luis de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_22.pdf

Nº 21: *Pequenos Provedores de Serviços e Remoção de Resíduos Sólidos em Maputo.* (2009)

Jeremy Grest

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_21.pdf

Nº 20: *Sobre a Transparência Eleitoral.* (2009)

Luis de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_20.pdf

Nº 19: *“O inimigo é o modelo”! Breve leitura do discurso político da Renamo.* (2009)

Sérgio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_19.pdf

Nº 18: *Reflexões sobre Parcerias Público-Privadas no Financiamento de Governos Locais.* (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_18.pdf

Nº 17: *Estratégias individuais de sobrevivência de mendigos na cidade de Maputo: Engenhosidade ou perpetuação da pobreza?* (2009)

Emílio Dava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_17.pdf

Nº 16: *A Primeira Reforma Fiscal Autárquica em Moçambique.* (2009)

Eduardo Jossias Nguenha

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_16.pdf

Nº 15: *Protecção Social no Contexto da Bazarconomia de Moçambique.* (2009)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_15.pdf

Nº 14: *A Terra, o Desenvolvimento Comunitário e os Projectos de Exploração Mineira.* (2009)

Virgílio Cambaza

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_14.pdf

Nº 13: *Moçambique: de uma economia de serviços a uma economia de renda.* (2009)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_13.pdf

Nº 12: *Armando Guebuza e a pobreza em Moçambique.* (2009)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_12.pdf

Nº 11: *Recursos Naturais, Meio Ambiente e Crescimento Sustentável.* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_11.pdf

Nº 10: *Indústrias de Recursos Naturais e Desenvolvimento: Alguns Comentários.* (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_10.pdf

Nº 9: *Informação Estatística na Investigação: Contribuição da investigação e organizações de investigação para a produção estatística.* (2009)

Rosimina Ali, Rogério Ossemame e Nelsa Massingue

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_9.pdf

Nº 8: *Sobre os Votos Nulos.* (2009)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_8.pdf

Nº 7: *Informação Estatística na Investigação: Qualidade e Metodologia.* (2008)

Nelsa Massingue, Rosimina Ali e Rogério Ossemame

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_7.pdf

Nº 6: *Sem Surpresas: Abstenção Continua Maior Força Política na Reserva em Moçambique... Até Quando?* (2008)

António Francisco

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_6.pdf

Nº 5: *Beira - O fim da Renamo?* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_5.pdf

Nº 4: *Informação Estatística Oficial em Moçambique: O Acesso à Informação.* (2008)

Rogério Ossemame, Nelsa Massingue e Rosimina Ali

http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/ideias/Ideias_4.pdf

Nº 3: *Orçamento Participativo: um instrumento da democracia participativa.* (2008)

Sérgio Inácio Chichava

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_3.pdf

Nº 2: *Uma Nota sobre o Recenseamento Eleitoral.* (2008)

Luís de Brito

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_2.pdf

Nº 1: *Conceptualização e Mapeamento da Pobreza.* (2008)

António Francisco e Rosimina Ali

http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/ideias/Ideias_1.pdf

Relatórios de Investigação / Research Reports

Moçambique: Avaliação independente do desempenho dos PAP em 2009 e tendências de desempenho no período 2004-2009. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemane e Sofia Amarcy
http://www.iese.ac.mz/lib/publication/2010/PAP_2009_v1.pdf

Current situation of Mozambican private sector development programs and implications for Japan's economic cooperation – case study of Nampula province. (2010)

Carlos Nuno Castel-Branco, Nelsa Massingue and Rogério Ossemane
http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/Relatorio_Japao_final.pdf

Mozambique Independent Review of PAF's Performance in 2008 and Trends in PAP's Performance over the Period 2004-2008. (2009)

Carlos Nuno Castel-Branco, Rogério Ossemane, Nelsa Massingue and Rosimina Ali.
http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_eng.pdf (também disponível em língua Portuguesa no link http://www.iese.ac.mz/lib/publication/outras/PAPs_2008_port.pdf).

Mozambique Programme Aid Partners Performance Review 2007. (2008)

Carlos Nuno Castel-Branco, Carlos Vicente and Nelsa Massingue
http://www.iese.ac.mz/lib/publication//outras/PAPs_PAF_2007.pdf

Outras Publicações

Governança em Moçambique: Recursos para Monitoria e Advocacia (2012)

Projecto de Desenvolvimento de um Sistema de Documentação e de Partilha de Informação,
IESE
IESE: Maputo

Monitoria e Advocacia da Governança com base no Orçamento de Estado: Manual de Formação (2012)

Sande, Zaqueo (Adaptação)
IESE: Maputo

Pequeno Guia de Inquérito por Questionário (2012)

Luís de Brito
IESE: Maputo

IESE é uma organização moçambicana independente e sem fins lucrativos, que realiza e promove investigação científica interdisciplinar sobre problemáticas do desenvolvimento social e económico em Moçambique e na África Austral.

Tematicamente, a actividade científica do IESE contribui para a análise da política pública e social e da governação, com enfoque nas problemáticas de pobreza, política e planeamento público, cidadania, participação política, governação e contexto internacional do desenvolvimento em Moçambique.

